



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS – BACHARELADO**

Andréa Pestana Almeida

**O Intérprete de Língua de Sinais Brasileira e as Terminologias nas  
aulas de História do Ensino Médio**

São Luís / MA

2018

Andréa Pestana Almeida

## **O Intérprete de Língua de Sinais Brasileira e as Terminologias nas Aulas de História do Ensino Médio**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso Letras Libras da Universidade Federal de Santa  
Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do  
grau de Bacharel em Letras Libras

**Professora Orientadora:** Dr<sup>a</sup>. Janine Soares de  
Oliveira

Professora Co-Orientadora: Esp<sup>a</sup>. Andréa Rejane  
Melo Brito

São Luís / MA

2018

*A Deus, meus pais, marido, irmão, avós e amigos.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e oportunidade de finalizar essa etapa. Quero imensamente agradecer a todos que ajudaram ativamente para que este trabalho chegasse até aqui. A minha orientadora Janine Oliveira, pelas dicas e sugestões que me levaram ao despertar e reflexão de como desenvolver este trabalho, assim como a minha co-orientadora e tutora Andréa Rejane Melo Brito, que sempre presente foi proativa e ajudadora.

Não poderia esquecer de agradecer ao meu marido e amigo José Pinheiro de Moura Júnior, ajudando imensamente no manuseio das tecnologias, dos *softwares* para compilar e filtrar dados usados nesta pesquisa.

Gratidão também a toda equipe CAS-MA e ComuniCAS que cederam seu espaço de forma cordial para a gravação dos vídeos aqui apresentados, a Ana Cristina Perdigão e Luinaldo Soares na ajuda das traduções aqui feitas. Se por algum lapso esqueço de mencionar alguém que contribuiu com este trabalho, antecipo minhas desculpas, e deixo aqui externado meu eterno e imenso obrigada.

## RESUMO

O tema deste Trabalho de conclusão de Curso se insere na linha de pesquisa dos Estudos da Tradução, correlacionando os campos: da Terminologia e da Interpretação da Língua de Sinais. Tendo como foco aqui o Intérprete Educacional e suas estratégias de interpretação simultânea, para termos científicos do campo semântico da história, disciplina que tem característica de fundamental importância para o desenvolvimento sociocultural, do indivíduo Surdo. Buscou-se entender que estratégias os intérpretes de Língua de Sinais utilizam para o repasse dessas informações históricas, para tanto foram usadas as terminologias recorrentes nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM como o recorte entre os anos de 2009-2017. Tendo também como objetivo levar os intérpretes educacionais a reflexão da importância do uso de sinais-terminos para uma interpretação mais clara e fiel, e estimular desenvolvimento de novas pesquisas que busquem ajudar o tradutor/intérprete em sua jornada como coparticipante no processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chaves:** Terminologia da Libras, Terminologia da História, Intérprete Educacional.

## ABSTRACT

This work's theme of completion's course is inserted in the line of research of the Translation Studies, correlating its subareas: the Sign's Languages Terminology and Interpretation. Focusing here on the educational interpreter and his strategies of simultaneous interpretation, for scientific terms of the semantic field of history, a discipline that is of fundamental importance for the socio-cultural development of the deaf individual. We sought to understand what strategies the sign language interpreters use to pass on this historical information, for which we used the recurrent terminologies in the tests of the National High School Examination (ENEM) and the cut between the years 2009-2017. The objective of this study is to help educational interpreters to reflect on the importance of using term-signs for a clearer and more faithful interpretation and to stimulate the development of new research that seeks to help the translator / interpreter in his journey as a participant in the teaching-learning process.

**Keywords:** Libras Terminology, History Terminology, Educational Interpreter.

## **RESUMO EM LIBRAS**

<https://www.youtube.com/watch?v=TpANjdiEQ5Y>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Holmes .....	15
Figura 2 - Mapeamento William & Chesterman .....	16
Figura 3 - Categorização Saint Jerome Publishing.....	18
Figura 4 - Triângulo Semiótico .....	20
Figura 5 - Sinal-termo CORAÇÃO: comparação entre sinal geral e neologismo da Enciclobras .....	26
Figura 6 - Sinal-Termo de Pentagrama.....	28
Figura 7 - Conceituação do sinal-termo .....	29
Figura 8 - Glossário Semi-Bilíngue de termos religiosos.....	30
Figura 9 - Sinal-termo Independência do Brasil x <i>O Grito do Ipiranga</i> .....	32
Figura 10 – Metodologia .....	36
Figura 11 - Processo de filtragem de termos .....	38
Figura 12 – Tela de lista de palavras gerada pelo <i>AntConc</i> .....	39

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Gráfico das respostas da primeira pergunta feita aos dez intérpretes.....	44
Gráfico 2 – Gráfico de respostas da sétima pergunta .....	48
Gráfico 3 – Gráfico de respostas da oitava pergunta.....	48
Gráfico 4 – Gráfico de frequência dos recursos utilizados para interpretação simultânea.....	49

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lexicografia x Terminologia.....	21
Quadro 2 - Os trechos do livro didático .....	40
Quadro 3 – Respostas dos intérpretes para a segunda pergunta .....	44
Quadro 4 - Respostas dos intérpretes para a terceira pergunta.....	45
Quadro 5 - Respostas dos intérpretes para a quarta pergunta.....	46
Quadro 6 - Respostas dos intérpretes para a quinta pergunta.....	46
Quadro 7 - Respostas dos intérpretes sexta para a pergunta.....	47
Quadro 8 – Explicação dos intérpretes referente à oitava pergunta .....	48

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Frequência dos termos selecionados para compor a pesquisa.....	39
---	----

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E O CAMPO DA TERMINOLOGIA .....	14
1.1. Um breve histórico dos Estudos da Tradução .....	14
1.2. Entendendo um pouco mais a Terminologia e sua relação com a Interpretação no contexto educacional.....	19
2. A TERMINOLOGIA, A LÍNGUA DE SINAIS E O INTÉRPRETE EDUCACIONAL .....	24
2.1. O intérprete de língua de sinais e as terminologias nas aulas de história do ensino médio .....	33
3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA E AS TERMINOLOGIAS NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO MÉDIO .....	36
3.1. A escolha do público alvo, da área semântica e o objetivo da pesquisa.....	36
3.2. A escolha dos termos científicos da história .....	37
3.3. A interpretação simultânea dos termos e o questionário .....	41
4. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS.....	42
4.1. Sinais-termos apresentados pelos intérpretes .....	42
4.2. Respostas obtidas com o questionário .....	44
4.3. Análise de dados.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	53
REFERÊNCIAS .....	54
APÊNDICES .....	57
APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	58
APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS TRADUTORES INTÉRPRETESQUE ATUAM NO ENSINO MÉDIO NAS AULAS DE HISTÓRIA .....	59

## INTRODUÇÃO

A proposta desta monografia é investigar quais estratégias são utilizadas por Tradutores Intérpretes de Línguas de Sinais - TILS<sup>1</sup> na interpretação de termos da disciplina de história no ensino médio, que ainda não possuem correspondente linguístico na Língua de Sinais Brasileira- LSB<sup>2</sup>, ou mesmo que não possuem sinal padrão. Tendo como base os desafios encontrados por esse profissional no âmbito da interpretação simultânea na disciplina, da necessidade de clareza na interpretação e melhor compreensão do estudante surdo.

A disciplina de história dispõe de assuntos muitas das vezes interdisciplinares que envolvem filosofia, sociologia, política, arte e cultura, e como já dito, alguns termos não possuem um correspondente linguístico na Libras ou mesmo os que tem, mas não possuem uma padronização em âmbito nacional como um termo científico deveria possuir, como pode ser visto nos seguintes movimentos conceituais na área da Terminologia em LSB: Costa (2012), Prometi (2013), Douettes (2015), Nascimento (2015), Felten (2016) e Tuxi (2017). Por esse motivo tornou-se o foco deste trabalho, tanto pela importância da disciplina dentro das ciências humanas, quanto na formação crítico-social do estudante.

A interpretação de uma disciplina tão fundamental para a construção crítico-social do sujeito Surdo perpassa por diversos desafios principalmente quando a mesma é simultânea onde os quesitos tempo, memória, habilidades e o aprendizado de um aluno estão envolvidos nesse processo. Por esse motivo é explícita a necessidade de os profissionais intérpretes buscarem estratégias tradutórias, para uma interpretação que conduza os alunos ao entendimento e rica em seus conceitos.

Para tanto, aborda-se no primeiro capítulo os Estudos da Tradução e o Campo da Terminologia, a fim de situar tanto a Terminologia, quanto a Interpretação da Língua de Sinais em suas relações com os Estudos da Tradução. No segundo capítulo, busca-se a correlação de entre a Terminologia da Língua de Sinais e o intérprete educacional, apresentando as contribuições que os estudos terminológicos podem trazer para o intérprete educacional. No terceiro capítulo é exposta a metodologia deste trabalho e por fim no quarto capítulo a análise de dados.

---

<sup>1</sup> O acrônimo TILS significa Tradutor Intérprete de Língua de Sinais também conhecido como TILSP - Tradutor Intérprete de Língua de Sinais/Língua Portuguesa, que resume a atuação do profissional e as línguas envolvidas nesse processo que é a Libras- Língua Brasileira de Sinais e a língua portuguesa.

<sup>2</sup> É outra sigla para referir-se à língua brasileira de sinais: Língua de Sinais Brasileira. Esta sigla segue os padrões internacionais de denominação das línguas de sinais (QUADROS, 2004, p. 9).

# 1. OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E O CAMPO DA TERMINOLOGIA

## 1.1. Um breve histórico dos Estudos da Tradução

O campo disciplinar dos Estudos da Tradução (ET) é o ponto de partida para essa pesquisa. Pensá-lo como início sugere refletir sobre todo seu surgimento e discussões a esse respeito, que podem ter iniciado há muito mais tempo do que se imagina. A história da Bíblia é um clássico exemplo de primeiro registro, apesar de contestações sobre “A torre de Babel” conta o profeta Moisés no primeiro livro da bíblia:

E o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra. (Bíblia, Gênesis 11:6-9).

A partir daí a necessidade de alguém conhecer a língua diferente do outro para compreender o que está sendo dito em uma simples conversa é um início dos estudos e aprofundamento do que seja o ato de traduzir e o pensar sobre o que seria a tradução. Fazendo assim um paralelo entre prática e teorização, afinal a prática de traduzir e interpretar existiram “desde sempre”, sendo constituídas pela interação social entre diferentes povos, de diferentes línguas.

Dos tempos antes de Cristo, até se tornar uma preocupação para teóricos e pesquisadores, e se constituir um campo disciplinar, segundo Mona Baker (1998) a tradução foi vista com um olhar curioso por outras ciências, como a linguística aplicada e a linguística em geral que era vista como a área que poderia sustentar estes estudos, nas décadas de 1950 e 1960, por exemplo. Já nas décadas de 1970 e 1980 estudiosos da tradução começaram a se aproximar de outras áreas acadêmicas, com a psicologia, a teoria da comunicação e a teoria literária.

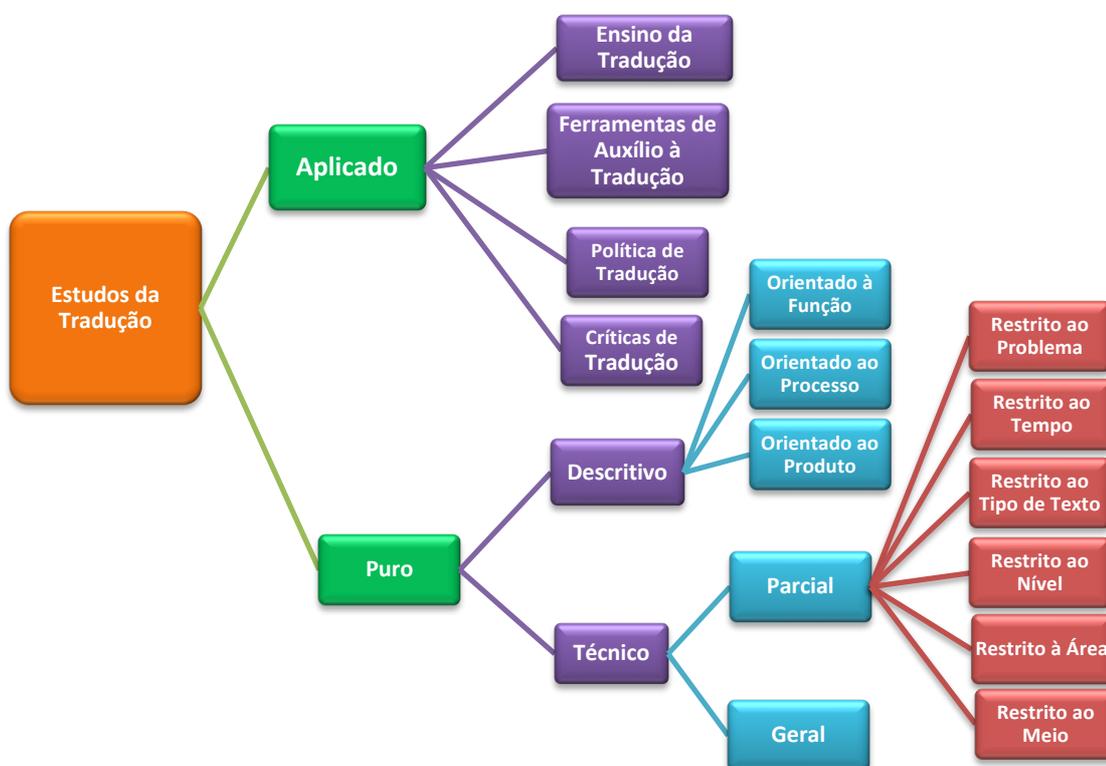
O campo disciplinar dos Estudos da Tradução nasce segundo Rodrigues (2013), quando a reflexão teórica sobre a prática tradutória ganha registros e institucionalização, ou seja, quando esses pesquisadores sentem a necessidade de realizar academicamente pesquisas e teorias sobre tradução e ato de traduzir. Holmes (1972), propõe a nomenclatura adequada a uma disciplina que pudesse agregar de forma mais coesa e em sua totalidade os anseios dos pesquisadores de tradução. Em *The Name and Nature of Translation Studies*, o autor discute qual seria o melhor termo para se denominar a disciplina, esse texto é considerado o fundacional, o ponto de partida para o campo teórico dos “Estudos da Tradução”. Holmes

(1972) além de propor um nome, discute a forma mais adequada de organização do campo disciplinar, fazendo assim um mapeamento da mesma. Segundo Rodrigues (2013):

Nesse sentido, pode-se afirmar que ele [Holmes] buscou organizar as diversas investigações acerca da tradução como o intuito de fazer com a disciplina nascente fosse capaz de abarcar a diversidade de abordagens de seu objeto, ao mesmo tempo em que definia seus fundamentos, técnicos, epistemológicos e metodológicos próprios (2013, p. 18).

Este mapeamento foi transcrito e desenhado por vários pesquisadores com o intuito de uma forma de visualização da proposta de Holmes (1972) para a disciplina ET. O que ajuda para uma maior conscientização e encaixe dos profissionais no campo disciplinar. Abaixo pode-se ver um dos mapas feitos com base na proposta de Holmes (Figura 1).

Figura 1 - Mapa de Holmes



Fonte: PAGANO & VASCONCELLOS, 2003. apud VASCONCELLOS & BARTHOLAMEI, p. 6, 2008.

Na imagem acima pode ser visto que Holmes(1972) serve de início para abrangência dos Estudos da Tradução, que não só começou assim ser chamada, como cresceu enquanto campo disciplinar. Ressalta-se ainda que no mapa acima mostrado, que em “Estudos Aplicados” as ferramentas de tradução se tratavam intimamente da necessidade de auxílio à Tradução, tanto para a formação e treinamento, quanto para a prática de tradução e trabalho do tradutor.

Para Holmes (1972) duas dessas ferramentas eram a lexicográficas e terminológicas, além das gramáticas (a última não será o nosso foco aqui). Porém geralmente essas “ajudas”

advindas de outras áreas de conhecimento que não propriamente dos ET. E para o autor essas “ajudas” ainda estavam além das necessidades da Tradução.

Mas os auxílios lexicográficos geralmente ficam muito aquém das necessidades de tradução[...]Parece haver uma necessidade de os estudiosos em estudos de tradução aplicados esclarecerem e definirem os requisitos específicos que as ajudas devem satisfazer se forem para atender às necessidades de tradutores práticos e futuros e trabalhar juntos com lexicologistas e linguistas contrastivos no desenvolvimento deles (HOLMES,1972, p. 182. Tradução minha).

Já em 2002 surge uma nova proposta de mapeamento feita por William e Chesterman (2002) em *The maps*, que segundo Vasconcellos e Bartholamei (2008, p. 7) a proposta dos pesquisadores tem também como objetivo facilitar a visualização da área. O mapeamento divide os ET em doze áreas, onde a Terminologia deixa de ser uma subárea apenas de auxílio de outra área de conhecimento para se tornar a oitava área, Terminologia e Glossários. Observe abaixo o mapamento feito por William e Chesterman (Figura 2):

Figura 2 - Mapeamento William & Chesterman



Fonte: WILLIAMS, CHESTERMAN, 2002 apud RODRIGUES, 2013, p.20. Adaptado.

E para Rodrigues (2013), muito mais que uma fácil visualização, William e Chesterman (2002):

[...] “constituíram um mapa com finalidade de orientar, principalmente estudantes-pesquisadores em um campo que consideram relativamente novo e desconhecido [...] possibilitando ampla visão de aspectos teóricos, epistemológicos e metodológicos da pesquisa sobre a Tradução e o traduzir” (RODRIGUES, 2013, p. 20).

Vendo os dois mapas aqui já mostrados, pode-se dizer que, apesar de nítidas as diferenças entre os dois, também é perceptível que elas se entrelaçam em caminhos e objetivos, além de se complementarem. Pois, pode-se observar que as áreas indicadas por William e Chesterman (2002) são o detalhamento dos campos de pesquisas que Holmes não aponta

diretamente, como o caso da Terminologia e Glossários. Rodrigues (2013) afirma ainda que é importante realçar o fato de que uma pesquisa em Tradução pode não estar limitada a uma única subárea de mapeamento no mapa de Holmes, o que pode ocorrer com mais facilidade se considerarmos o mapeamento de William e Chesterman (2002).

Atualmente temos uma nova divisão<sup>3</sup> dos ET, subdividindo o campo em vinte e sete subáreas. Quem faz essa classificação é a *Saint Jerome Publishing*, que é uma editora especializada em ET, que se divide nas seguintes subáreas: (1) Tradução Audiovisual e Multimídia ;(2) Tradução Bíblica e textos religiosos; (3) Bibliografias; (4) Interpretação em contextos comunitários; (5) Interpretação Simultânea e de Conferências; (6) Estudos Contrastivos e Comparados (7) Estudos baseados em corpus; (8) Interpretação Legal e Jurídica; (9) Avaliação e Controle de Qualidade; (10) História da Tradução e Interpretação; (11) Estudos Interculturais (12) Estudos da Interpretação (13) Tradução Literária (14) Tradução Automática auxiliada por computador; (15) Trabalhos em categorias múltiplas; (16) Estudos do processo tradutório; (17) Metodologia de Pesquisa; (18) **Interpretação de Línguas de Sinais**; (19) Tradução técnica e especializada; (20) **Terminologia e Lexicografia**<sup>4</sup>; (21) Tradução e gênero; (22) Tradução e Ensino de Língua; (23) Tradução Política; (24) Tradução e Indústria de prestação de serviços linguísticos; (25) Políticas de Tradução; (26) Teoria da Tradução; (27) Formação de Intérpretes e Tradutores.

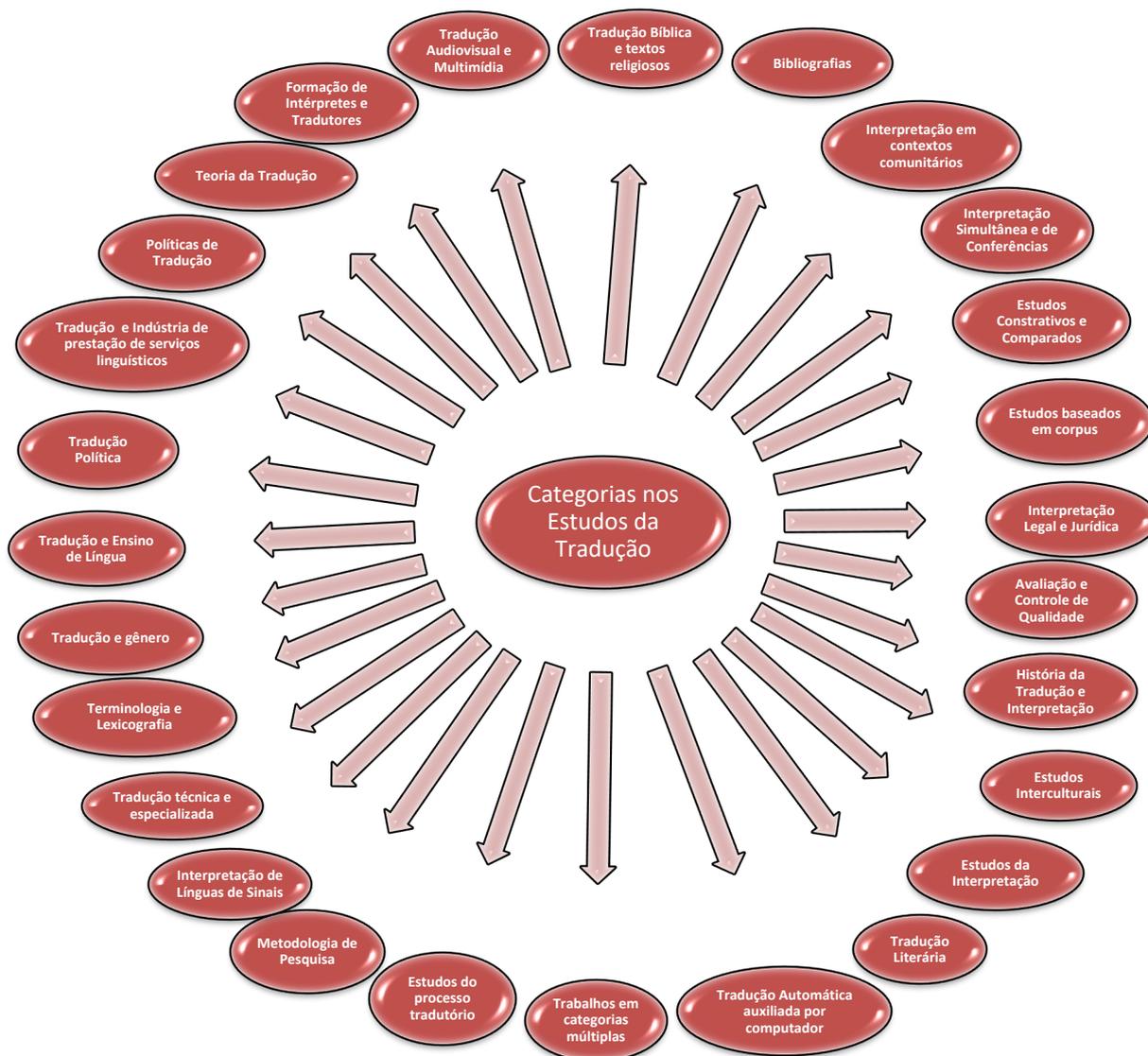
Com a divisão da *Saint Jerome Publishing* (Figura 3) vemos bem mais áreas para que pesquisadores se encontrem e tracem caminhos para expansão dos Estudos da Tradução e ter essa variedade de subáreas colabora com a consolidação do campo disciplinar. Há aqui campos antes não vistos como os Estudos da Interpretação, Interpretação de Línguas de Sinais, além das áreas de interpretação, a interpretação em Tribunais como contextos comunitários e de prestação de serviço, interpretação simultânea e de conferências.

---

<sup>3</sup> A divisão das subáreas está disponível no site da editora. Disponível em: <https://www.stjerome.co.uk/tsa/category/?p=1>. Acesso em 04 de março de 2018.

<sup>4</sup> Grifo nosso.

Figura 3 - Categorização Saint Jerome Publishing



Fonte: Saint Jerome Publishing, (2002) Adaptado.

Como grifado anteriormente, percebe-se a área 20, Terminologia e Lexicografia – antes no mapa de William e Chesterman (2002) Terminologia e Glossários -, que continuam como uma área dos ET. Mostrando assim, a sua consolidação como campo disciplinar e forte entrelace com a Tradução, além do surgimento de outro elo relevante para a presente pesquisa: Estudos da Tradução, Terminologia e uma nova subárea Interpretação de Língua de Sinais, que por sua vez pode se subdividir em: Interpretação de conferências, educacional, religiosa, médica, jurídica, midiática e etc.

Aqui neste trabalho nos ateremos à Terminologia especificamente e essa relação íntima com a Interpretação de Língua de Sinais que também está dentro dos Estudos da Tradução. Relação essa que para estudiosos é bem mais antiga do que parece, pois a própria terminologia não é um fenômeno tão atual, porquanto “com efeito, tão longe se remonte a história do Homem,

desde de que se manifesta a linguagem, encontra-se a presença de línguas de especialidade, é assim que se encontra a terminologia dos filósofos gregos, a língua dos comerciantes cretas, o vocabulário especializado da arte militar, etc.” (ROUDEAU, 1984 *apud* NASCIMENTO, 2011, p. 4).

Embora seja tão antiga sua prática, a Terminologia como campo disciplinar é recente e seu desenvolvimento sistematizado ocorre apenas no século XX. Isso porque, surgiram necessidades de comunicação, na interação social de vocabulários especializados em áreas específicas de conhecimento, sendo uma consequência do desenvolvimento técnico-científico. E segundo Finatto e Krieger, “as bases teóricas iniciais da terminologia estão inicialmente relacionadas a propósitos pragmáticos de estabelecer e facilitar a comunicação” (2004, p.18).

Acredita-se que a comunicação é o elo entre a área da Interpretação e a Terminologia, há uma relação histórica entre essas duas áreas que se constitui também em um desafio pesquisadores dos Estudos da Tradução.

Na seção seguinte essa relação entre Terminologia e Interpretação será ampliada, dentro da linha de interesse dessa pesquisa, com objetivo de buscar compreender as relações com a Interpretação da Língua de Sinais no contexto educacional.

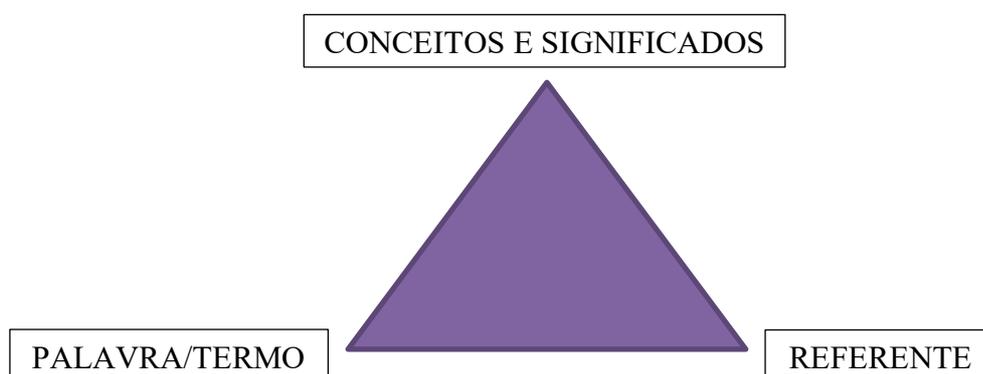
## **1.2. Entendendo um pouco mais a Terminologia e sua relação com a Interpretação no contexto educacional**

A Terminologia é um campo que anda lado a lado com outro campo, a Lexicografia, e para uma melhor compreensão no nosso foco há uma necessidade de diferenciação entre essas duas áreas afins.

A Lexicografia centra-se no estudo do léxico, ou seja, no estudo da palavra e para Biderman, “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo” (2001, p.155). Ou seja, nós seres humanos quando temos contato com o universo e estamos em constante interatividade com o ambiente no qual estamos inseridos compomos através dos sentidos a capacidade neurolinguística de conceituação desse meio.

Essa complexa conceituação do meio em que vivemos se concretiza numa representação linguística chamada de signo verbal que ainda segundo Biderman (2001), é a fase final do processo cognitivo, onde significante e significado se alinham e se cristalizam em palavras e termos. E é esse processo de nomeação de mundo que gera o léxico das línguas naturais, assim percebe-se que o ser humano criou uma forma habilidosa de integrar conceitos a palavras/termos. Biderman (2001) apresenta ainda uma representação visual (Figura 4), o chamado triângulo semiótico que ilustra essa relação.

Figura 4 - Triângulo Semiótico



Fonte: BIDERMAN, 2001. p. 157.

Até aqui a Lexicografia não está tão distante da Terminologia, todavia a primeira tem o foco muito mais abrangente e heterogêneo, pois está voltada para o léxico em geral de uma língua natural. Já a segunda com o foco muito mais restrito e homogêneo e muito mais voltada ao universo científico de determinada área de conhecimento. “A Terminologia se ocupa de subconjuntos do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano” (BIDERMAN, 2001, p. 160). Fazendo assim uma ligação entre o arcabouço e o código linguístico correspondente.

Pavel e Nolet, conceituam a palavra Terminologia como “conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, uma arte, um autor, um grupo social” (2002, p. 27). Assim pode-se considerar que o léxico da Matemática, da Biologia, da Medicina e entre outras ciências são foco de estudo da Terminologia.

O léxico de uma determinada área de conhecimento científico se difere do que é usado no cotidiano. Além disso, é necessário que pesquisadores e profissionais de uma área compartilhem esse léxico de modo que entendam o vocabulário uns dos outros, buscando evitar ambiguidades. Como ressalta Biderman (2001):

Eis por que é desejável uma certa normatização terminologia para garantir uma relativa univocidade do significado e do uso do termo, fixando assim um padrão terminológico. Essa é uma diferença nítida entre termos científicos e as palavras do léxico comum (BIDERMAN, 2001, p.161).

Com relação às diferenças entre a Terminologia e a Lexicografia, Biderman (2001) apresenta destaca o léxico geral, para segunda, e o léxico especializado, para primeira. Além disso, tem -se que na Terminologia, os termos centram-se em conceitos e evitam ambiguidades, vulgarização e banalização terminológica. Pode-se observar outras diferenças apontadas por Biderman (2001) no quadro contrastivo abaixo (quadro 1):

Quadro 1 - Lexicografia x Terminologia

<b>Lexicografia</b>	<b>Terminologia</b>
Unidades lexicais muito heterogêneas (quanto à forma e à função): palavras de significação e palavras instrumentais	Unidades lexicais relativamente homogêneas: substantivos (maioria), adjetivos, verbos e alguns advérbios
Mais abrangente	Circunscrita a um domínio
Não se restringe a um universo referencial	Se restringe a um universo referencial
Relaciona-se a todas as funções da linguagem: referencial, fática, emotiva, conotativa, poética, metalinguística	Relaciona-se a função referencial

Fonte: BIDERMAN, 2001. p. 161.

O quadro contrastivo de Biderman entre a Terminologia e a Lexicografia se faz importante para que se perceba essas diferenças e possamos focar no nosso objeto que é a Terminologia propriamente dita. Conforme o manual de terminologia canadense “o princípio fundamental da Terminologia é a pertinência dos termos a áreas temáticas, estruturas em sistemas de classificação de conhecimentos especializados” (2002, p.1), assim como visto no quadro contrastivo, a Terminologia se restringe a um universo referencial.

É função da Terminologia, além da identificação de termos que nomeiam conceitos referentes às áreas científicas, tendo precisão no uso de referências, com o uso correto, direto e objetivo evitando ambiguidades e dando prioridade a dados concretos.

A Terminologia também é um dos campos da Linguística aplicada, que envolve trabalhos característicos como tradução, redação e ensino de línguas. Essas estão intimamente ligadas: a tradução especializada que requer o domínio de terminologias. Aqui voltamos a relação estreita entre o Estudo da tradução e a terminologia, que com o avanço da globalização e da tecnologia surge e cresce o interesse por terminologias adequadas pela contribuição que elas dão em eficiência as ações comunicativas.

Isso acontece devido ao uso de termos técnicos usados nas comunicações profissionais que demandam ao mercado quem possa estruturar e fazer a transmissão desse conhecimento especializado diante dessa demanda de traduções técnicas, um profissional que seja uma facilitador e mediador dessa comunicação internacional em determinada área do conhecimento.

Em outras palavras a Terminologia, segundo Nascimento (2011, p. 14), “[...] será responsável tanto pela representação quanto pela transmissão dos conhecimentos especializados em todos os campos do saber científico e tecnológico”. E o agente facilitador e mediador dessa comunicação por meio da tradução e interpretação é o tradutor/interprete.

Como já explanado, existem varias áreas de conhecimento científico que utilizam da Terminologia na transmissão da informação e necessitam da tradução para a socialização e compreensão dessas terminologia e saberes técnicos.

O que antes era apenas uma ferramenta de auxilio ao tradutor como colocado por Holmes, tornou-se importante e foi percebida pelos demais pesquisadores já mencionados aqui em seus mapas espelhados em Holmes. Construíram e desenvolveram o elo e a significação de forma visível, onde a Terminologia torna-se objeto de estudo dos Estudos da Tradução.

Nascimento (2011, p. 8) explica que o pesquisador Wüster foi um dos pioneiros nos estudos da Terminologia de forma sistemática e disciplinar e não focando pura e simplesmente em seu caráter linguístico, mas também nessa relação que é desempenhada com outras ciências. Tendo assim essa responsabilidade de transmissão e representação de todos as áreas científicas e tecnológicas.

Organizar o conhecimento especializado por meio de uma linguagem especializada garantiria uma comunicação eficiente da mesma forma que a língua comum possui palavras “unidades lexicais”, a língua especializada, para Wüster, possui a unidade lexical, o termo, transmissor de um conhecimento especializado (Nascimento 2011, p. 8).

Assim os termos contribuem para uma melhor exatidão em conteúdos específicos, gerando precisão conceitual, desfazendo ambiguidades e polissemias indesejadas que acabam sendo recorrentes em um léxico de língua comum.

A monossemita e a monorreferencialidade são palavras que resumem teorias elaboradas por Wüster que pretendem alcançar uma ideia sem nenhum tipo de equivoco, ou seja, o termo possuiria apenas um significado, sendo uma das principais características da linguagem técnico-científica. A Teoria Geral da Terminologia – TGT, que visa a padronização de termos técnicos-científicos, a fim de estreitar qualquer possibilidade de equívocos e unidade de significados (Wüster, 1968 *apud* Nascimento 2011).

Por conseguinte, o termo é uma ferramenta da Terminologia para uma melhor construção comunicativa dentro da linguagem técnico-científica, todavia também recurso para os Estudos da Tradução e sugere a redução de erros, e equívocos que possam ocorrer em uma tradução ou interpretação, de uma língua fonte pra uma língua alvo.

Assim, o uso da Terminologia para atuação dos intérpretes de Língua de Sinais é tão relevante, em uma interpretação de uso de linguagem especializada, como é o caso do intérprete educacional, que tem como papel principal o repasse de informações de várias áreas de conhecimento como: português, matemática, biologia, física, história, geografia, filosofia, sociologia, química, entre outras.

O intérprete de Língua de Sinais educacional principalmente no ensino médio, área que ainda é pouco estudada, segundo Belém (2010, p. 8) devido “ao grande número de professores e disciplinas, e seu caráter de formação geral e profissionalizante [...] que merece ser pesquisado, especialmente quando estão presentes jovens surdos usuários de Libras que precisam ter acesso a temáticas específicas em diferentes áreas técnicas”.

Faz-se então necessário essa diferenciação do profissional que atua no meio educacional, dos demais intérpretes de LSB. Pesquisadoras como Quadros (2004), Belém (2010), Santos (2014) e Albres (2015), trazem estudos que focam nessa prática tão diferenciada dos demais e que tanto necessitam dessa parceria dos estudos da Terminologia da Língua de Sinais.

Para estas autoras, “o intérprete educacional é aquele que atua como profissional na área da educação” (QUADROS, 2004, p.60-61), “que fica dividido em atender ao aluno, ou em acompanhar o ritmo imposto pelo professor ou pela escola” (BELÉM, 2010, p. 19), “[...]está envolvido, além do processo tradutório, nas práticas educacionais e que, devido a isso, constitui habilidades específicas a serem desenvolvidas nesse espaço. Não se trata de substituir ou tomar o lugar do professor [...]” (SANTOS, 2010, p. 81), mas de ser “mediador e coparticipante do processo de ensino-aprendizagem, estudando o conteúdo que vai interpretar, pesquisando os sinais e as formas de dizer as explicações[...]” (ALBRES, 2015, p. 61) das disciplinas tendo como Língua de Sinais.

O uso da Terminologia em Língua de Sinais ajuda nesse trabalho árduo do Intérprete Educacional, o que coloca a Língua de Sinais, segundo Albres (2015), em um lugar de destaque e prestígio tal qual as outras línguas orais. O intérprete educacional tem como uma de suas funções versar informações que se encontram na Língua Portuguesa para a Língua de Sinais e se depara com a dificuldade da ausência de vocabulário especializado para fazer de forma fiel o seu papel de mediar e coparticipar do processo de ensino-aprendizagem.

O uso de estes conteúdos, por vezes, é pouco compreensível tanto para os alunos surdos, pelo seu desconhecimento no português escrito e sua dificuldade às vezes com sua própria língua, quanto para os intérpretes que não possuem exatamente formação acadêmica para uma compreensão adequada dos mesmos. Todavia, é cobrado deste profissional um desempenho na interpretação de todas as disciplinas escolares, afim de que os alunos Surdos tenham acesso ao que é ensinado pelo professor regente. Gerando uma grande demanda para esse profissional.

Demanda que pode ser suavizada com a parceria dos estudos da interpretação educacional e das terminologias usadas nos espaços educacionais. A seguir, no próximo capítulo será discutido um pouco mais sobre essa relação.

## 2. A TERMINOLOGIA, A LÍNGUA DE SINAIS E O INTÉRPRETE EDUCACIONAL

Os estudos terminológicos representam a configuração de novos patamares conquistados pelas línguas de sinais em especial a Língua de Sinais Brasileira – LSB, uma língua ainda muito nova tanto em sua oficialização pela Lei 10.436/02 e regulamentação pelo Decreto 5.626/05, quanto em pesquisas que buscam consolidá-la como língua perante a sociedade e a língua majoritária. Conforme observa Tuxi, (2017)

A organização terminológica de uma língua é o passo determinante para se estabelecer o desenvolvimento de uma política linguística. Um exemplo disso são as línguas minoritárias que manifestam em si conceitos constantemente contrastivos à língua, majoritária, e especial, no tocante aos estudos científicos dos termos dessas línguas. (TUXI, 2017, p. 28)

O crescimento de estudos terminológicos para a LSB, como coloca Tuxi (2017), gera desenvolvimento de uma política linguística. Sendo uma reafirmação e fortalecimento cada vez maior, ou seja, fixando seu status de língua e reconhecimento linguístico perante a outras línguas majoritárias, como o caso do português no Brasil.

O desenvolvimento de pesquisas e a geração de materiais práticos como dicionários, glossários impressos ou online, assim como obras didáticas que tenham esse viés configuram um novo olhar sobre o meio acadêmico e científico da organização linguística da LSB. Essa evolução resulta da necessidade que a Língua tem em ocupar o lugar de língua de comunicação e interação (ibidem).

Assim, observa-se o crescimento de pesquisas de linguagem especializada, termos técnicos e científicos de diversas áreas de conhecimento em Língua de Sinais no meio acadêmico. As pesquisas em Terminologia das Línguas de Sinais passaram a existir de fato pela necessidade da comunidade surda, na comunicação ao aluno que se insere no espaço acadêmico e se depara com terminologias específicas de diferentes áreas de conhecimento.

Trabalhos desse cunho são de extrema relevância para essa investigação, para que se entenda a necessidade do avanço e uso dessas pesquisas, principalmente para o desenvolvimento e conhecimento do sujeito surdo como principal usuário da Língua de Sinais, e também para o auxiliar profissionais tradutores/interpretes de Língua de Sinais não só no meio acadêmico universitário, mas na preparação para este espaço, ou seja, em nível educacional anterior, alunos de ensino médio, em particular aqueles que irão fazer a prova do ENEM.

Pesquisas como estas tem como o foco discutir e analisar mecanismos de melhoria e desenvolvimento da terminologia da Língua de Sinais, sendo pontapés iniciais para suprir a carência de materiais especializados a determinadas áreas de conhecimento. Alguns trabalhos

de dissertação e teses aqui expostos servirão para ilustrar o crescimento das pesquisas terminológicas da LSB.

Colocam-se aqui trabalhos que foram de certa forma pioneiros com pesquisas de iniciação científicas e mestrados sendo um marco de alargamento de pesquisas, descrição e análise do campo da Lexicografia e Terminologia da Língua de Sinais, que ainda se encontram em fase inicial. Sendo também ainda pouco explorados nas Universidades do Brasil, mas podendo ser destacada a Universidade de Brasília – UnB, onde a maioria desses trabalhos foram e estão sendo desenvolvidos.

Para tanto podemos destacar os seguintes movimentos conceituais na área da Terminologia em LSB: Costa (2012), Prometi (2013), Douettes (2015), Nascimento (2015), Felten (2016) e Tuxi (2017). Todos estes buscam gerar discussões, proporcionar desenvolvimento conceituais e descritivos das terminologias em diferentes áreas de conhecimento.

Costa (2012) em sua dissertação de mestrado tem como foco em sua pesquisa de terminologias e a criação de correspondentes linguísticos em Língua de Sinais, o sinal-termo<sup>5</sup>. O trabalho tem como objetivo criar uma Enciclopédia Visual Bilíngue com uma visão de base lexicográfica e terminológica, buscando um campo semântico específico, o corpo humano. A ideia de Costa (2012) é que o trabalho iniciado seja contínuo, com o grupo de pesquisa para que outros pesquisadores possam dar continuidade e contribuição para o material.

A ideia da Enciclopédia Visual Bilíngue do corpo humano surge, segundo Costa (2012), da ausência de recursos adequados e de boa qualidade para que a educação dos surdos se desenvolva dentro da sua própria língua e da língua majoritária do seu país. Para tanto a ideia de uma Enciclopédia Bilíngue, para que o usuário consiga seu desenvolvimento nas duas línguas.

O trabalho de criação da EncicloLibras<sup>6</sup> tem como foco uma sistematização lexical que respeita a estrutura da LSB em sua estrutura fonológica e atentando-se para critérios e conceitos linguísticos para formação desses sinais-termos. Além disso o trabalho tem como objetivo:

i) ajudar a interação entre surdos, professores e intérpretes nas escolas e em outros lugares; ii) facilitar a comunicação e, iii) por fim, ajudar a entender o funcionamento do corpo humano. Além disso, vai abordar a reprodução humana, gravidez, temas que podem ser usados para debater assuntos atuais e fundamentais na vida dos surdos jovens, que desejam compreender o mundo em sua própria língua (COSTA, 2012, p. 17).

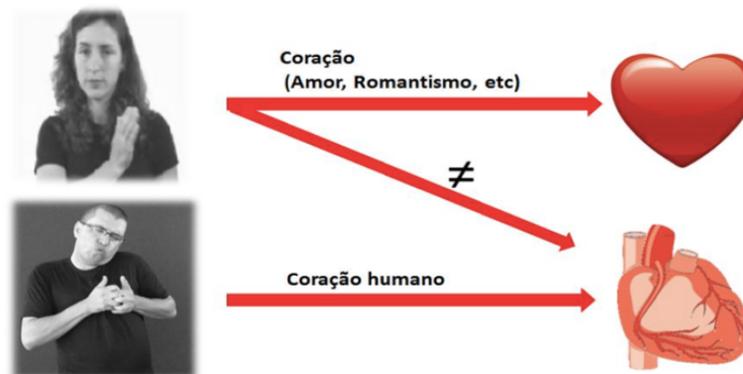
---

A expressão sinal-termo surge em 2012, sendo esta criada por Faulstich durante a orientação de mestrado de Costa (2012). “O sinal-termo é um termo da Língua Brasileira de Sinais que representa conceitos com características de linguagem especializada” (Tuxi, 2017, p.51).

<sup>6</sup> Nome escolhido pelo autor para denominar a Enciclopédia Bilíngue do corpo humano.

Outro ponto destacado por Costa (2012) é que o sinal-termo carrega consigo um aspecto conceitual, o que acaba distinguindo seu uso, do uso de um sinal que agrega conceitos do léxico comum e não do especializado. Fazendo com que o estudante surdo entenda conceitos fundamentais e de funcionalidade científica na sua própria língua a fim de compreender o mundo. Abaixo (Figura 5) um exemplo da diferença da utilização e de conceitos linguísticos de sinal e sinal-termo utilizados por Costa (2012):

Figura 5 - Sinal-termo CORAÇÃO: comparação entre sinal geral e neologismo da Enciclobras



Fonte: COSTA, 2012, p. 36

Segundo Costa, “essa sinalização de coração é um neologismo, um sinal científico, porque tem o formato do coração, de acordo com a concepção anatômica.” (2012, p. 37). O conceito acaba sendo expresso com clareza tendo em vista na figura acima pois o sinal-termo apresenta o formato e a descreve a anatomia do coração.

Esta pesquisa é inovadora e mostra a necessidade dessa diferenciação que já acontece em outras línguas entre conceitos e léxicos comuns de léxicos especializados. Essa pesquisa torna-se pioneira ao mostrar que deve haver uma ruptura entre língua comum com os sinais e os sinais-termos para língua especializada, levando conceitos científicos e tecnológicos dentro da área semântica em questão.

Em outra pesquisa no âmbito da Terminologia da Língua de Sinais, Prometi (2013), em sua dissertação de mestrado, assim como a de Costa (2012), orientada pela professora doutora Enilde Faulstich da UnB tem seu foco no campo semântico da música. Objetivando criações de sinais-termos para Notação Musical.

É interessante ressaltar que Prometi é Surda e traz em seu trabalho de mestrado um tema que parece ser um tanto inusitado para a comunidade Surda, que é a música, pois para muitas

peças esse tipo de linguagem não compõe o universo cultural<sup>7</sup> do Surdo. Todavia, Prometi explica que em sua intimidade e aprendizado da música pôde perceber:

[...] que os Surdos são capazes de perceber a sentir a música, não só de ouvido que os Surdos podem ouvir e sim com os olhos, porque eles podem visualizar as notas musicais e sentir o ritmo através da vibração do seu corpo. (PROMETI, 2013, p. 17).

Na percepção da autora a maior dificuldade dos Surdos no aprendizado da música não é o não ouvir, mas sim a carência de sinais-termos para um aprendizado mais profundo e teórico para a notação musical. Assim, o que acabava acontecendo era que os intérpretes utilizavam o recurso da datilografia para a tradução de palavras sem correspondente linguístico o que dificultava na compreensão dos assuntos tratados pelo professor.

Foi dessa maneira, com sua experiência pessoal, que Prometi (2013) entendeu que para um melhor aprendizado dos alunos Surdos nas teorias musicais e em respeito à sua língua era necessário a criação de sinais-termos específicos para o campo semântico da Notação Musical. Foi a partir dessa inquietação que sua pesquisa tomou forma.

Segundo Quadros (1998), grande parte dos Surdos hoje sente bastante dificuldade com a língua portuguesa o que acaba dificultando o aprendizado em diversas áreas de conhecimento por não haver sinais correspondentes para desenvolvimento de aprendizado e comunicação, como já dito.

A pesquisa de Prometi (2013) tem como foco proporcionar o desenvolvimento de materiais visuais, como explorar o campo visual dos Surdos através de foto e vídeo que permitam a acessibilidade pela comunicação musical. Pois, segundo a pesquisadora, contempla a compreensão de como são construídos os conceitos na área musical, além de possibilitar ao Surdo a utilização da modalidade linguística visual, mas não deixando de lado o português escrito, tendo como base o bilinguismo. Assim, para tanto a autora busca alcançar alguns objetivos, a saber:

- i. Identificar os termos da Teoria Musical, em língua portuguesa, pela datilografia para a Libras;
- ii. Listar os termos mais usados dentro do ensino da Teoria Musical em sala de aula;
- iii. Criar sinais-termos em Libras para a Música;
- iv. Validar os sinais-termos com os alunos Surdos;
- v. Registrar em glossário bilíngue os sinais-termos validados (PROMETI, 2013, p. 20)

---

<sup>7</sup> A música, por exemplo, não faz parte de cultura surda, os sujeitos surdos podem e têm o direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural. São raros os sujeitos surdos que entendem e gostam de música e isto também deve ser respeitado (STROBEL 2008, p.70).

Como visto a autora tem por objetivo a criação de um glossário bilíngue com base nos estudos da Notação Musical e criação de sinais-termos que possam ajudar Surdos estudantes de música tanto na teoria, quanto na prática. É a partir desse contato com a música que os Surdos podem ter um juízo de valor para expressar qual seu sentimento perante a música, ou seja, só depois de conhecê-la.

A criação de sinais-termos para a Notação Musical foi feita em respeito as características fonológicas da LSB, configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão não manual. A autora também elenca alguns procedimentos metodológicos que são: a seleção dos termos em português, organização e registro dos sinais-termos em ficha de terminologia, a validação dos sinais-termos por alunos Surdos e por fim a criação de um glossário bilíngue. Ao todo a pesquisa reuniu 52 termos de Notação Musical para a criação do glossário. A seguir um exemplo de sinal-termo criado para o glossário e sua descrição (Figura 6):

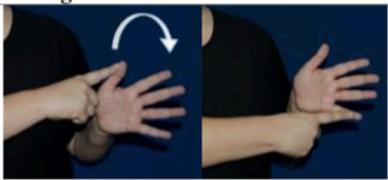
Figura 6 - Sinal-Termo de Pentagrama



Fonte: PROMETI, 2013, p. 55

Além da descrição fonológica do sinal-termo também é feita a sua conceituação no português e o uso de imagens para uma melhor visualização do que venha a ser o sinal-termo em questão (em organização alfabética), como pode ser visto abaixo (Figura 7):

Figura 7 - Conceituação do sinal-termo

<b>Termo:</b>	<b>Pentagrama</b>
<b>Sinal-termo:</b>	
<b>Configuração de mão:</b>	
<b>Representação do conceito da LSB:</b>	Mão passiva (E) em CM 54, na posição lateral com os dedos para frente e mão ativa (D) em CM 26 apontando para o dedo polegar da mão passiva (E) e fazendo o movimento semicircular, descendo para baixo para o dedo mínimo da mão passiva (E), representando o conjunto de linhas e espaços do pentagrama.

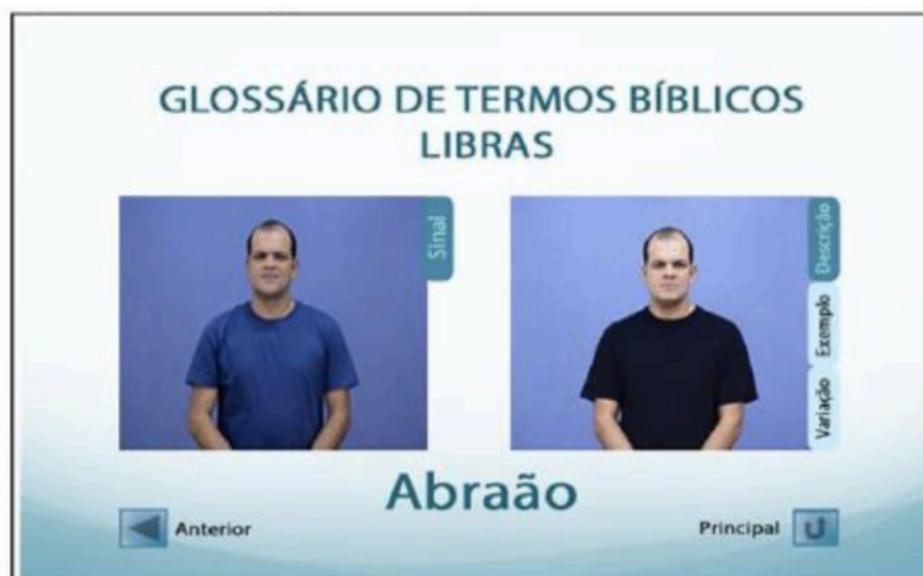
Fonte: PROMETI, 2013, p. 55

Prometi (2013) assim como Costa (2012) trazem uma contribuição para um desenvolvimento do Surdo, para uma troca e diálogo interdisciplinar entre diferentes e novos campos científicos de estudos, para comunicação, aprendizado e para que o campo metodológico bilíngue cresça, assim como o campo terminológico das Línguas de Sinais.

Quem também organiza sua pesquisa com o intuito de gerar um glossário é Douettes (2015), porém tem uma organização inovadora no registro final de sua pesquisa, pois objetiva a elaboração de um glossário semi-bilíngue de sinais-terminos do campo semântico religioso, nele há uma compilação de verbetes tanto em LSB, quanto em língua portuguesa.

Douettes (2015) faz uma reflexão de grande importância para um repensar de formulações e organizações dos glossários já existentes de Língua de Sinais, em pensar se realmente há eficácia desses recursos, da forma que estão organizados, para o Surdo. Já que a maioria dos glossários apresentam os conceitos dos sinais-terminos em língua portuguesa e se sabe que a maioria dos Surdos não possui fluência na língua majoritária.

Figura 8 - Glossário Semi-Bílingue de termos religiosos



Fonte: DOUETTES, 2015, p. 210

Como pode ser notado na figura 8 não só o sinal-termo é feito em LSB, mas a descrição, exemplificação e variação do sinal-termo, estão colocadas em janelas distintas o que não acontece em um verbete do português. No glossário proposto pelo pesquisador é possível visualizar das duas formas, tanto no português, quanto em LSB, como está especificado na imagem acima.

O que na perspectiva do autor é fundamental para uma melhor visualização e compreensão do Surdo, a ideia aqui é fazer com que quem manuseia o glossário possa perceber como um verbete é constituído separando-o em janelas, para que o Surdo tenha essa percepção referencial através da Língua de Sinais.

Outro trabalho de relevância para o movimento conceitual da Terminologia e amplitude de sinais-termos específicos, é a pesquisa de Nascimento (2016), sobre o campo semântico do Meio Ambiente. A pesquisadora também teve como objetivo a criação de um glossário semi-bílingue este, porém sendo um glossário ilustrado e com o foco nos alunos do ensino fundamental.

Nascimento (2016) traz em sua pesquisa novidades metodológicas significativas para a ampliação do processo de organização de obras lexicográficas e terminográficas em Línguas de Sinais, e que pode ser inspiração para novas pesquisas da área da terminologia. A autora adota 15 procedimentos metodológicos para a criação do glossário são estes:

1. seleção de termos da área do Meio Ambiente para composição de fichas lexicográficas;
2. criação de fichas lexicográficas em LP dos termos selecionados;
3. busca de definições dos termos em obras lexicográficas de referência;
4. reformulação das definições extraídas de materiais lexicográficos e terminográficos existentes e adaptação dessa linguagem ao

público-alvo; 5. organização dos termos em campos temáticos e preparação de materiais visuais para a apreensão de conceitos durante as sessões de criação e validação; 6. pesquisa e identificação de termos do Meio Ambiente na LSB 7. promoção das sessões de criação de sinais-termo; 8. promoção das sessões de validação de sinais-termo; 9. gravação em vídeo dos sinais-termo 10. armazenamento dos sinais-termo; 11. criação das ilustrações dos termos do Meio Ambiente e submissão destes à revisão de especialistas; 12. desenho do modelo do glossário para criação do suporte em mídias digitais; 13. descrição da composição fonológica dos sinais-termo para busca pelo sinal no suporte digital; 14. registro dos dados no suporte digital e 15. divulgação do glossário (NASCIMENTO, 2016, p. 92).

No material pronto os verbetes podem ser pesquisados de três formas: em língua de sinais, em português, também podem ser exibidos por meio de imagem, sendo esta a grande inovação que a pesquisa. Vale destacar que o glossário faz uso de uma escrita de sinais, a ELiS<sup>8</sup>.

Outro trabalho de mestrado direcionado à terminologia da Língua de Sinais Brasileira é de Felten (2016), este, em particular, teve grande influência na metodologia utilizada neste trabalho de conclusão de curso, pois foca justamente no campo semântico da História. Felten (2016) também tem como objetivo, assim como os outros pesquisadores aqui já expostos, a criação de um glossário que possa contribuir para o crescimento educacional dos Surdo e ampliação dos estudos terminológicos da LSB.

A pesquisa centra-se em sistematizar termos da História do Brasil do português e propor a criação de sinais-termos correspondentes na LSB, que representem conceitos e significados, em respeito às teorias lexicais e terminológicas, além da fonologia da Língua de Sinais. O campo da história é escolhido para essa pesquisa, segundo o autor, por ser um campo semântico ainda muito pouco explorado.

Felten (2016) utilizou uma metodologia qualitativa e coleta de dados, tendo como base quatro procedimentos listados abaixo:

a) listagem os termos mais frequentes usados no ensino da História do Brasil em três períodos históricos: América Portuguesa, Império e República; b) criação de sinais-termo correspondentes; c) avaliação dos sinais-termo de acordo com as propriedades da Língua de Sinais Brasileira e d) validação dos sinais-termo com os alunos Surdos (FELTEN, 2016, p. 8).

A partir desses procedimentos foi constituído um dicionário bilíngue que conceitua os sinais-termos de acordo com a perspectiva histórica tendo como base a historiografia brasileira. A ideia foi fazer uma associação cognitiva entre significante e significado, ou seja, que o sinal-termo proposto carregue em si a referência e significância do momento histórico vivido pela

---

<sup>8</sup> Escrita das Línguas de Sinais tem base no sistema de Stokoe (1965), que é uma base alfabética, ou seja, uma tentativa de representação gráfica de cada visema da língua. (BARROS, 2008, p. 6) Esse sistema de escrita foi criado por Maria Estelita Barros. Para mais informações ver ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91819> >

sociedade. Além disso, foi realizada uma pesquisa de sinais já existentes e uma avaliação destes para saber se os mesmos contemplavam os contextos socioculturais que os termos empregam.

O termo em português Independência do Brasil, por exemplo, já apresentava um sinal, mas que, segundo o pesquisador, não correspondia ao conceito pré-existente e nem carregava em si significado semântico, teve uma nova proposta apresentado por Felten (2016) sem relação com a imagem de *O Grito do Ipiranga*, pintura de Pedro Américo (figura 9.a), que retrata esse momento histórico como uma batalha às margens do rio Ipiranga.

Pois, o processo de Independência do Brasil não se deu por uma luta armada ou mesmo por uma revolta civil, como o quadro aparenta, mas sim por uma ruptura elitista e econômica entre Brasil e Portugal, como pode-se notar com base no sinal-termo sugerido por Felten (2016) para esse contexto histórico (figura 9.b).

Figura 9 - Sinal-termo Independência do Brasil x *O Grito do Ipiranga*



Fonte: FELTEN, 2016, p. 32

Para Felten (2016), os estudos terminológicos favorecem conceitos que orientam a criação de sinais-terminos que necessitam não só da aplicação, mas todo o conteúdo que cada termo carrega em si, o que exige bastante do pesquisador, tanto no sentido prático como no teórico.

Por fim, elenca-se a pesquisa de Tuxi (2017) que tem como proposta de elaboração de dicionário bilíngue de sinais-termo da área técnica e administrativa no meio acadêmico. Que se inicia delimitando o público-alvo e o objetivo do glossário, além de inovação do uso do recurso

do QR Code<sup>9</sup> “que permitirá acesso a videoguias como instrumento de acessibilidade e interação do surdo ao meio social no qual ele está inserido, no caso dessa pesquisa, no ambiente acadêmico” (TUXI, 2017, p. 23).

Pesquisas como as de Costa (2012), Prometi (2013), Douettes (2015), Nascimento (2015), Felten (2016) e Tuxi (2017) são fundamentais para o avanço da terminologia da Língua de Sinais Brasileira, que parte do próprio objetivo da Terminologia como já dito, que é a linguagem especializada. Pensa-se ser extremamente importante não só no reafirmar-se como língua, mas para os seus usuários e a comunicação através dela.

## **2.1. O intérprete de língua de sinais e as terminologias nas aulas de história do ensino médio**

Tendo como base os desafios encontrados pelo profissional Tradutor/Interprete de LSB no âmbito da interpretação simultânea de várias disciplinas no âmbito educacional inclusive na disciplina de história, devido a carência de sinais-termos e ausência de padronização, além da necessidade de clareza na interpretação e melhor compreensão do estudante surdo que surge este trabalho de conclusão de curso.

A disciplina de história dispõe de assuntos muitas vezes interdisciplinares que envolvem filosofia, sociologia, política, arte e cultura, e como já dito, alguns termos não possuem um correspondente linguístico na Libras ou mesmo os que tem, não possuem uma padronização em âmbito nacional como um termo científico deveria possuir. Por esse motivo tornou-se o foco deste trabalho, tanto pela importância da disciplina dentro das ciências humanas, quanto na formação crítico-social do estudante.

Para PEREIRA (2017), que desenvolve uma análise com o foco nas aulas de história para surdos, “a dificuldade do aluno surdo para aprender a disciplina de história ocorre porque o entendimento de conceitos históricos - por serem complexos e específicos - exigem deles sofisticadas propriedades organizacionais da estrutura cognitiva, determinantes na significação do material estudado”.

O que segundo Tuxi (2017) se dá pela ausência de léxico, pois é este amplamente cognitivo e é através dele que se pode organizar conceitos mentais, de cunho social, cultural e histórico, expressando através da língua, de sua estruturação e concretização na comunicação o modo de ver o mundo e externar conceitos.

---

<sup>9</sup> Código de barras bidimensional que é escaneado por telefones celulares equipados com câmera. O código pode ser convertido em: texto, endereço ou localização (georreferenciada), número de telefone, e-mail, vídeo ou página na internet (TUXI, 2017, p.23).

O que seria instigado não só pela utilização de sinais-termos e seus conceitos, mas com o estímulo visual a eles atrelados, como imagens dos períodos históricos citados nas aulas, vídeos, entre outros recursos metodológicos, que levariam o aluno a uma associação do assunto interpretado. Como isso não acontece, na maioria das vezes, o intérprete fica sobrecarregado ao repassar informações complexas e importantes para o entendimento do conteúdo.

A interpretação de uma disciplina tão fundamental para a construção crítico-social do sujeito Surdo perpassa por diversos desafios principalmente quando a mesma é simultânea onde os quesitos tempo, memória, habilidades e o aprendizado de um aluno estão envolvidos nesse processo. Por esse motivo é explícita a necessidade de os profissionais intérpretes buscarem estratégias tradutórias, como por exemplo, convencionar sinais-termos que se tornem padrões para uma interpretação alinhada aos conceitos como visto na sessão anterior.

Assim, os TILS encaram uma realidade de crítica muitas vezes em que surdos não possuem conhecimento do português escrito, o que dificulta a compreensão de alguns conceitos, como já dito, que não possuem um correspondente linguístico ou um sinal padrão. Problemática que seria facilmente sanada pelo recurso da datilologia. Mas segundo Quadros (2004), a datilologia é um empréstimo linguístico, não sendo a soletração manual uma representação direta do português, mas apenas a representação manual da ortografia do português. Essa problemática acaba instigando o trabalho do intérprete na necessidade de buscar estratégias para que o aluno tenha uma boa compreensão.

A tradução/interpretação no âmbito educacional, onde o número de profissionais ainda é maior, concentra grande parte dessas pesquisas e ainda há muito o que ser debatido e pensado para uma melhor atuação desse profissional e quebra de barreiras dentro da educação de surdos. Por esse motivo, debruça-se sobre a atuação dos TILS, buscando uma reflexão sobre suas habilidades e de recursos para melhor atender os surdos em seu aprendizado, desenvolvimento cognitivo e social. Sendo o profissional intérprete um canal de comunicação e por que não assim dizer uma tecnologia humana assistiva.

Esse profissional possui uma grande responsabilidade como um canal de comunicação que segundo a Lei 10.436/02 tem como função principal permitir o acesso a informações que estão vinculadas e exposta em sala de aula, tem a preocupação de repassa-las aos alunos no mesmo nível e grau de complexidade que ele recebe.

Segundo Albres (2015) além de mediador esse profissional é um coparticipante do processo de ensino aprendizagem, estudando conteúdos que serão trabalhados em sala, pesquisando sinais desses conteúdos, para que ainda que não possuam sinais ele tenha como dar explicações conceituais.

Segundo a autora as pesquisas de investigação nesse âmbito ainda precisam ser desenvolvidas para que haja compreensão em como os intérpretes fazem em sala de aula para mediar a aprendizagem dos alunos surdos. Que não envolve apenas o simples ato de interpretar e saber sinais-termos, mas “[...] conhecer as características de cada um dos alunos; refletir sobre características da Libras usadas por crianças, jovens e adultos, conhecer como se organizam os conteúdos curriculares a serem trabalhados nos diferentes níveis e as metodologias mais utilizadas [...]” (LACERDA, 2010 *apud* ALBRES, 2015, p. 62).

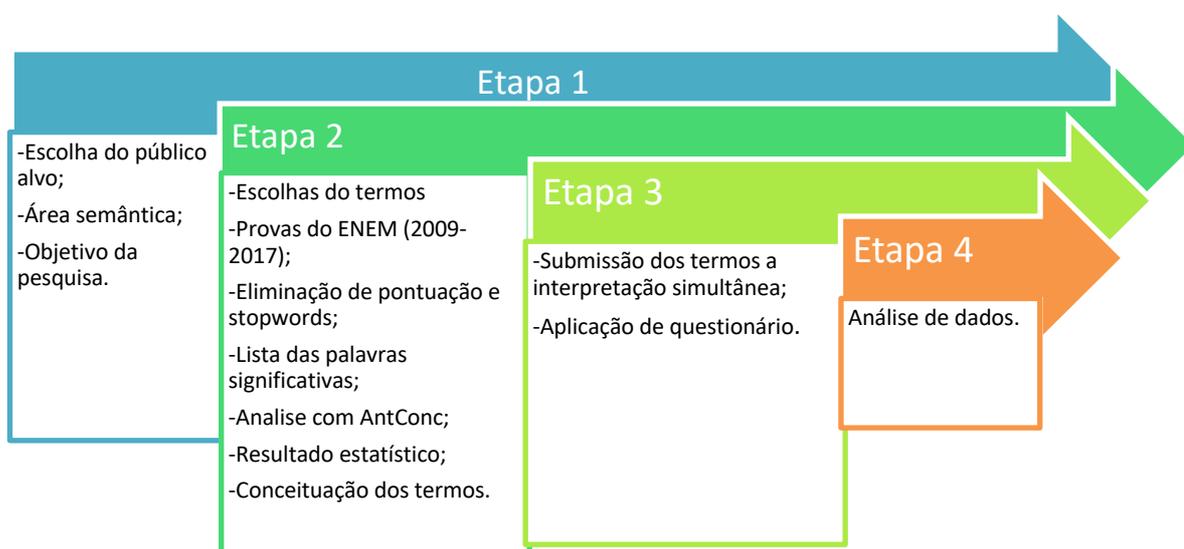
O Intérprete Educacional trabalha não só no processo ativo do ensino-aprendizagem traduzindo/interpretando, mas se envolvendo procurando maneiras de tornar os conteúdos mais acessíveis e compreensíveis para o aluno buscando um contato com o aluno e o meio que este vive. Como foi colocado por Lacerda (2010) é necessário refletir sobre as características linguísticas da língua e a realidade do aluno como um todo.

Para uma melhor compreensão mediante ao que já foi exposto até aqui foi necessário desenvolver o estudo de caso para compreender as escolhas feitas pelos TILS, nas interpretações simultâneas nas aulas de história do ensino médio.

### 3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA E AS TERMINOLOGIAS NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO MÉDIO

Neste capítulo, serão apresentadas as etapas que compõem esta pesquisa em seu percurso metodológico. Tendo como primeira etapa a escolha o público alvo, e área semântica e o objetivo da pesquisa, como segunda a escolha dos termos a serem trabalhados, sua filtragem e conceituação. A terceira fase tem-se a submissão dos termos a interpretação simultânea e questionário direcionado aos intérpretes. E por fim como uma quarta etapa a análise dos dados coletados.

Figura 10 – Metodologia



Fonte: A Autora (2018)

#### 3.1. A escolha do público alvo, da área semântica e o objetivo da pesquisa

No primeiro momento da pesquisa foi feita a escolha do público alvo, os tradutores intérpretes de Língua de Sinais – TILS, precisamente por esse trabalho de conclusão de curso está vinculado às pesquisas do âmbito do bacharelado em Letras-Libras, que tem como objetivo a formação de novos TILS.

O público alvo são os tradutores/intérpretes de Língua de Sinais que atuam nas escolas da esfera estadual do Maranhão, que tem como foco o ensino médio. No Maranhão esse profissional é vinculado ao quadro de profissionais através de concurso e cargo nomeado como professor intérprete de Libras. Alguns desses profissionais tem carga horária de vinte horas e outros quarenta horas semanais. Para a pesquisa foi escolhido um quantitativo de 10 (dez)

intérpretes que trabalham em escolas diferentes, pensou-se nessa logística para que se tivesse uma análise mais ampla.

Destaca-se que a maioria dos TILS são advindos do último concurso realizado pelo Governo do Estado, em 2016 que atraiu intérpretes de diversos estados do Brasil, além do próprio Maranhão, tem-se intérpretes, por exemplo, do Piauí, da Bahia, do Pará e de Goiânia. O que traz para suas interpretações uma riqueza cultural e regional de seus Estados.

O ensino médio foi escolhido, especificamente o terceiro ano, por ser o último ano do ensino médio e sugere-se que os alunos tenham e estejam construído uma bagagem para ingressarem na universidade e necessitam do conhecimento de vários termos para um melhor entendimento e resolução da prova do ENEM.

Este trabalho tem como objetivo em âmbito geral, a investigação, pretendendo entender como e que estratégias os intérpretes de LS utilizam nas aulas de história mediante a interpretações simultâneas de termos que não possuem correspondentes na Língua de Sinais ou não são sinais-termos padronizados para a área científica. Além de levar os TILS à reflexão para ampliação de estudos da Língua de Sinais focando na estruturação de novas terminologias para o campo científico.

Para tanto foi feita uma pesquisa bibliográfica e leitura de autores que corroboraram e nortearam este trabalho, que teve como escolha o campo semântico da história, devido à experiência da autora deste trabalho, também graduada na área de História, a percepção de dificuldades por parte de muitos profissionais intérpretes ao interpretar esta área científica, assim como também tornou -se uma inquietação a ausência de muitos sinais-termos.

A partir da definição do público alvo e dos objetivos passa-se para a descrição da próxima etapa da pesquisa que se dá na escolha dos termos científicos do campo semântico da história.

### **3.2. A escolha dos termos científicos da história**

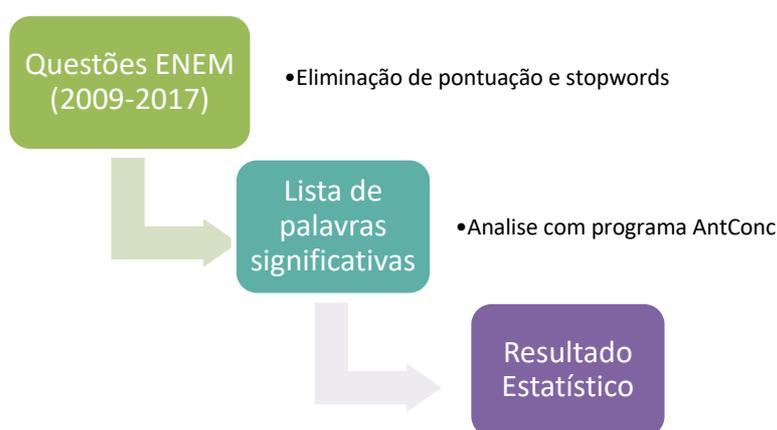
Tendo como foco o ensino médio, foram usadas as questões das provas do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, que é uma porta de entrada para universidades federais e estaduais de todo país. As provas escolhidas foram as dos anos de 2009 – 2017, sendo que este recorte temporal escolhido se deve a nova versão da prova que substituiu a maioria dos vestibulares tradicionais das universidades.

O ENEM contém todas as disciplinas estudadas no ensino médio distribuídas em quatro grandes áreas, a saber: Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias, Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação, Matemática e suas

Tecnologias. A história se encontra diluída na macro área da Ciências Humanas e sua Tecnologias, dialogando com outras ciências como a sociologia, filosofia, geografia.

O processo de separação das questões específicas da história foi feito com a ajuda de um site de concurso que possui um armazenamento de questões também das provas do ENEM e ferramentas de filtro para uma maior precisão de ano, área de conhecimento e bancas. Todas as questões foram separadas e compiladas em arquivo de texto simples (.txt), para que se pudesse fazer uma filtragem dos termos mais recorrentes, como pode ser observado na figura abaixo.

Figura 11 - Processo de filtragem de termos



Fonte: A Autora (2018)

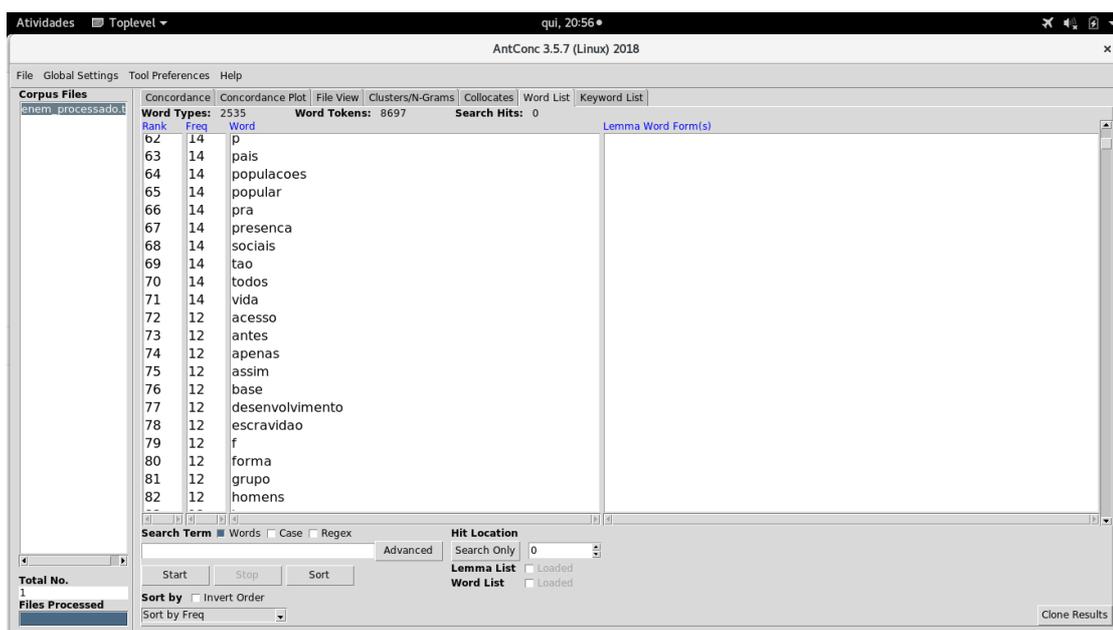
Após reunidas as questões do ENEM em um único documento em formato de texto simples (.txt) foram eliminadas as pontuações e stopwords<sup>10</sup> para gerar uma lista de palavras significativas, e assim gerar um ranking de palavras que mais aparecem nas provas.

Com a lista de palavras significativas listadas foi usado o software *AntConc* que é bastante usado na Linguística de corpus, tem como uma de suas funções listar a frequência de palavras de um texto, sendo exatamente para este fim que foi usado nessa pesquisa, constatar a frequência dos termos como mostra a figura 12.

---

<sup>10</sup> São palavras e ou conectivos usados nos textos, mas que são vazios em significado isoladamente.

Figura 12 – Tela de lista de palavras gerada pelo *AntConc*



Fonte: Programa AntConc

O programa gera tanto uma lista de frequência de palavras como também pode mostrar toda a concordância das palavras escolhidas. Para a lista de frequência de palavras, o *software* foi alimentado com o arquivo txt. e no comando *word list* e logo em seguida em *start a lista* é gerada.

Essa parte da pesquisa teve como base a metodologia utilizada por Felten (2016), após a pré-seleção dos termos mais frequentes, também tomamos com base os requisitos por ele utilizados para melhor nortear esta seleção: i) a importância dos termos na História; ii) a influência teórica/temática no contexto nacional atual; iii) a importância teórica/temática para os estudantes Surdos.

Tabela 1 - Frequência dos termos selecionados para compor a pesquisa

<b>Termos</b>	<b>Frequência</b>
República	98
Democracia	87
Ditadura Militar	40
Nação	31
Capitalismo	16
Oligarquia	16

Fonte: A Autora (2018)

Todos os termos selecionados não se encaixam exclusivamente a um único período histórico, mas possuem importância tanto na história mundial, quanto especificamente na

história do Brasil. São termos de significados bastante recorrentes e muito utilizados na conjuntura histórica, política e social atual. Sendo assim, indispensáveis para uma construção crítica do estudante Surdo.

Após o resultado estatístico da frequência de termos concluído, buscou-se a conceituação dos mesmos. No toante aos conceitos desses termos foi feita uma pesquisa de autores e dicionários de história que ajudassem a melhor entendê-los. Autores como Renato Ribeiro (2008), Reinhart Koselleck (2014), Kalina Silva (2009), Alfredo Boulos Júnior (2016) e o Dicionário de Conceitos Históricos (2009).

Para a próxima fase da pesquisa foi realizada a busca desses termos no livro didático utilizado pelas escolas estaduais atualmente. Foram extraídos trechos do livro contendo os termos, para que os TILS pudessem simular uma interpretação simultânea destes. Abaixo se pode ver os trechos selecionados (quadro 2):

Quadro 2 - Os trechos do livro didático

Termos		Trechos do livro didático
1	República	Nas primeiras décadas da República, os operários trabalhavam geralmente 10, 12, até 14 horas por dia em ambientes abafados, sujos e mal iluminados. Muitas vezes também aos sábados e nas manhãs de domingo (p. 68)
2	Democracia	Uma democracia pode ter limitações, mas ela garante a liberdade para se lutar contra essas limitações, para se exprimir opiniões e para que as diferenças de ideias, religião, cor e gênero convivam. A democracia anda com a liberdade e a tolerância (p.181).
3	Ditadura Militar	O historiador Daniel Aarão Reis tem defendido que o regime instaurado em 1964 não seja conhecido apenas como “ditadura militar”, mas como “ditadura civil-militar”, pois contou com a participação civil (p.222).
4	Nação	Os fascistas valorizavam a nação em oposição ao indivíduo. Diziam que, para conter o individualismo, era necessária uma nação forte, unida, sem luta de classes, e que assim a Itália reviveria as glórias do Império Romano (p.84)
5	Capitalismo	O desdobramento mais terrível da Grande depressão para os assalariados foi o desemprego, que atingiu níveis altíssimos e sem precedentes na história do capitalismo, em vários países do mundo (p.80).
6	Oligarquia	Para vários historiadores, como Boris Faustos, o movimento de 1930 foi uma disputa entre diferentes grupos oligárquicos, que resultou na vitória das oligarquias de Minas, Rio Grande do Sul e parte da região hoje chamada de Nordeste (p.113)

Fonte: BOULOS JÚNIOR, 2016.

Após esta etapa os textos foram submetidos à interpretação dos intérpretes da rede estadual de ensino, simulando uma interpretação simultânea que é a próxima fase desta pesquisa. Em um primeiro momento foi pensado como metodologia a observação das interpretações nas próprias aulas de história em apenas uma escola, mas refletiu-se sobre a dificuldade de controlar o vocabulário, nas observações os termos poderiam não aparecer na aula do professor. Assim optou-se por retirar os trechos do livro didático usado nas escolas estaduais e que todos os alunos e docentes têm acesso.

### **3.3. A interpretação simultânea dos termos e o questionário**

Nesta etapa da pesquisa, após a retirada dos trechos do livro de didático, dando um contexto aos termos, foi feita uma simulação, a ideia era que os intérpretes fizessem uma interpretação simultânea dos trechos como se estivessem interpretando uma aula de história.

Os intérpretes foram contatados um a um para que pudessem contribuir com a pesquisa, sendo a eles explicado como seria feita e demonstrado o objetivo principal da pesquisa. Não houve nenhuma resistência dos mesmos, pelo contrário, gerou uma empolgação para que a pesquisa pudesse contribuir para ajudá-los em seus ambientes de trabalho.

Foi marcado um encontro com cada um dos 10 intérpretes e novamente foi explicado como seria feita a pesquisa e como eles estariam contribuindo. A eles foi dado um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A), para que o conteúdo das interpretações fosse utilizado nessa pesquisa, mas sem a exposição da figura deles.

Os trechos foram lidos por uma terceira pessoa e sem nenhum contato prévio dos intérpretes com os trechos, foi gravada a interpretação de cada um para uma observação mais detalhada, para resguardar a imagem dos participantes serão chamados de Intérprete 1 ao Intérprete 10, para serem referenciados.

Após a observação dos vídeos foi feito um questionário com os mesmos intérpretes que aceitaram participar da pesquisa. O questionário (Apêndice B) foi feito no Google Formulários e enviado a cada um por um link, para que não fosse feita a identificação de que eram as respostas, deixando – os livres para dar suas opiniões.

## 4. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Após a análise dos vídeos obtidos no experimento de simulação de interpretação simultânea de uma aula de história foi possível identificar alguns padrões descritos a seguir nos resultados.

### 4.1. Sinais-termos apresentados pelos intérpretes

- O termo República:
  - Os intérpretes 2, 6, 8, 9 e 10 utilizaram o método de soletração do alfabeto manual, ou seja, a datilologia para repassar o termo;
  - Os intérpretes 3 e 4 utilizaram o mesmo sinal na interpretação do termo, como ser visto no link abaixo:  
[https://www.youtube.com/watch?v=3\\_gBM1FauF0&index=2&list=UUMgXpQBxCy8Ycv8Lq5pGeug](https://www.youtube.com/watch?v=3_gBM1FauF0&index=2&list=UUMgXpQBxCy8Ycv8Lq5pGeug) ;
  - Os intérpretes 5 e 7 utilizaram o mesmo sinal do termo como pode ser visto no link:  
<https://www.youtube.com/watch?v=IGXobPyotOo> ;
  - O intérprete 1 somou o uso da datilologia ao sinal de PERÍODO como mostra o no vídeo que pode ser visto no link abaixo:  
[https://www.youtube.com/watch?v=1N71PL4N\\_Ew](https://www.youtube.com/watch?v=1N71PL4N_Ew) .
- O termo Democracia:
  - O intérprete 1 e 10 fizeram o uso do recurso da datilologia para repassar a informação;
  - Os intérpretes 2, 3, 6, 8 e 9 utilizaram o mesmo sinal para na interpretação do termo, como pode ser visualizado abaixo:  
<https://www.youtube.com/watch?v=CelEhyTrSKo> ;
  - O intérprete 4 fez o uso do mesmo sinal de LIBERDADE para interpretar o termo democracia, porém deixou o trecho um pouco confuso já que a palavra aparece duas vezes como pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=UtXujOiE36A> ;
  - O intérprete 5 fez uso de dois sinais para interpretar o termo os sinais VOTO e LIBERDADE, como pode ser visto abaixo:  
<https://www.youtube.com/watch?v=iEi7q9zvGJQ> .
- O termo Ditadura Militar:
  - O intérprete 1 faz uso da datilologia somado ao sinal de POLÍCIA, como pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=o0M1jQIeyuk> ;

- O intérprete 2 faz uso de um sinal bem diferente do que os outros intérpretes usaram, veja no link: <https://www.youtube.com/watch?v=tDmVfDAuFHw> ;
- Os intérpretes 6, 8 e 9 utilizam o mesmo sinal para a interpretação do termo como pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=kkqa50RXY6E> ;
- O intérprete 3 e 5 faz uso de dois sinais para interpretar o termo, como pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=lshULB0CZZ4> ;
- O intérprete 4 faz uso de dois sinais para interpretar o termo, como pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=xku0x3ixlJk> ;
- O intérprete 7 faz uso de dois sinais para interpretar o termo, como pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=IB-9a1xD2YY> ;
- O intérprete 10 faz o uso do recurso da datilologia para repassar a informação.
- O termo Nação:
  - Os intérpretes 1, 2, 3, 4, 5, 8 e 9 fazem uso do sinal de PAÍS para se referir ao termo, como pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=QGhF48sgTPI> ;
  - Os intérpretes 6, 7 e 10 fazem o uso do sinal de POVO para se referir ao termo, como pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=G60zV9Zj45U> .
- O termo Capitalismo:
  - Os intérpretes 2, 5, 7 e 10 utilizaram o recurso da datilologia para interpretar o termo;
  - O intérprete 1 usou a combinação do sinal de SALÁRIO e da datilologia para repassar a informação, como pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Ev8GB-Rfaeg> ;
  - O intérprete 3 usa o sinal de ECONOMIA para interpretar o termo, como pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=6atzk14x2D4> ;
  - O intérprete 4 usa a combinação do sinal de ECONOMIA e da datilologia para repassar a informação, como pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=cZkxQY-TdNA> ;
  - O intérprete 6 faz uso de dois sinais para interpretar o termo, como pode ser visto no link: [https://www.youtube.com/watch?v=RqZzYY\\_vjS0](https://www.youtube.com/watch?v=RqZzYY_vjS0) ;
  - O intérprete 8 faz uso de um sinal para interpretar o termo, como pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=mx7YxWj3P2U> ;
  - O intérprete 9 faz uso de um sinal para interpretar o termo, como pode ser visto no link: [https://www.youtube.com/watch?v=Vy\\_owz9PgGg](https://www.youtube.com/watch?v=Vy_owz9PgGg) .
- O termo Oligarquia:
  - Os intérpretes 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 usam o recurso da datilologia para repassar a informação;

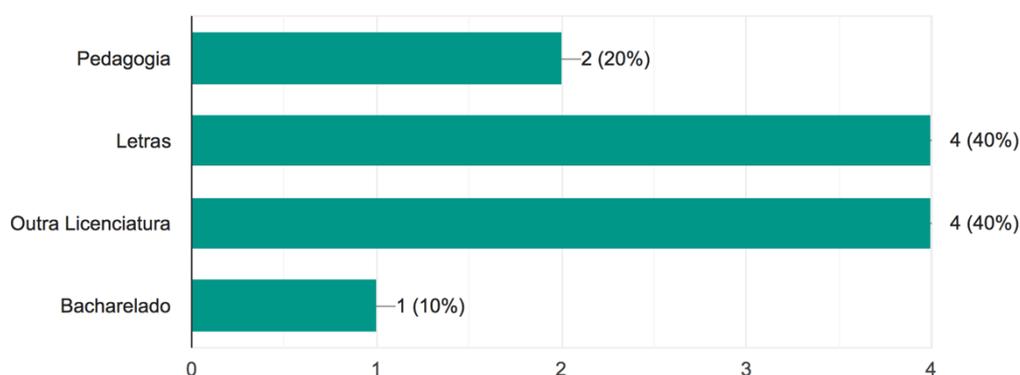
- O intérprete 2 o sinal de GRUPO ++ e CAMPO para se referir ao termo, como pode ser visualizado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=igv5hkmSbH8> ;
- O intérprete 3 faz uso de dois sinais para interpretar o termo, o sinal de GRUPO e RICO, como pode ser visualizado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=N7NNprerTh8> .

## 4.2. Respostas obtidas com o questionário

Após a observação dos vídeos foi feito um questionário com os mesmos intérpretes as perguntas utilizadas e os dados obtidos foram:

### 1. Qual a sua formação?

Gráfico 1 – Gráfico das respostas da primeira pergunta feita aos dez intérpretes



Fonte: A Autora (2018)

### 2. Para você quais são as dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos para a compreensão das aulas de história?

Quadro 3 – Respostas dos intérpretes para a segunda pergunta

<b>Resposta 1:</b> Falta de recursos visuais.
<b>Resposta 2:</b> Falta de recursos visuais.
<b>Resposta 3:</b> Muitos termos típicos da disciplina de história não têm sinal correspondente, e devido a vastidão de informações de conteúdo se agrava mais
<b>Resposta 4:</b> Falta de conhecimentos prévios que os alunos precisam ter, que são ensinados nas series anteriores.
<b>Resposta 5:</b> Certamente, uma das dificuldades é a falta de adaptação dos conteúdos e da metodologia de ensino frente as diferenças e especificidades do ensino para estudantes surdos visando propiciar maior reflexão da prática em sala de aula. Outra questão envolve a necessidade de aumentar o léxico da Libras nesta área em específico.
<b>Resposta 6:</b> Uma falta de sensibilidade do professor em adaptar suas aulas para ficarem mais atrativas, utilização de imagens, joguinhos de perguntas e respostas com imagens para melhor aquisição de aprendizado e falta de um padrão de sinalário na área.

<b>Resposta 7:</b> O conhecimento dos eventos históricos, propriamente ditos.
<b>Resposta 8:</b> Metodologia do professor pautada em: cópia do quadro ou livro, não utilização de figuras/imagens e aula essencialmente expositiva (não dialógica). No quesito da tradução e interpretação uma das dificuldades é o desconhecimento acerca do conteúdo (temática) da aula específica. A disciplina de história possui um vocabulário próprio com palavras, acontecimentos e personagens que muitas vezes já possuem sinal em Libras (mesmo que não padronizados em todo Brasil), mas por serem pouco usual no dia-a-dia não se memoriza. Para além, o conhecimento acerca do conteúdo das aulas facilitaria na construção de estratégias de interpretação melhores (como no uso de classificadores mais claros). Por fim, falta a PADRONIZAÇÃO, CATALOGAÇÃO E VALIDAÇÃO de determinados sinais relacionados a questões técnico científicas.
<b>Resposta 9:</b> Sinais específicos da área que muitas vezes não tem. Aulas expositivas e sem contexto
<b>Resposta 10:</b> Muitos deles não tiveram uma base sobre conhecimentos históricos, também tem dificuldade de leitura, por não terem conhecimento do português, o que acaba dificultando a compreensão.

Fonte: A Autora (2018)

3. Que ferramentas você poderia citar que ajudariam a uma melhor compreensão dos alunos nas aulas de história?

Quadro 4 - Respostas dos intérpretes para a terceira pergunta

<b>Resposta 1:</b> O uso de recurso visuais, como vídeos, slides, cartazes.
<b>Resposta 2:</b> O uso de recursos visuais como vídeos, slides, imagens relacionadas ao conteúdo.
<b>Resposta 3:</b> Imagens, sinais específicos da disciplina
<b>Resposta 4:</b> Leituras complementares em casa após a aulas ministradas pelos professores
<b>Resposta 5:</b> Dicionários e Enciclopédias de Libras e de história.
<b>Resposta 6:</b> Utilização de data show com imagens coloridas voltadas para o conteúdo abordado, vídeos com legendas para que o surdo absorva melhor.
<b>Resposta 7:</b> Mais imagens representativas dos momentos históricos.
<b>Resposta 8:</b> No processo interpretativo utilizo o celular, mostro imagens e vídeos em libras de alguma temática específica. Se o espaço permite utilizo o que tenho em mãos! Contudo, essa não é uma responsabilidade do Intérprete de Libras, por isso não torno essa prática corriqueira e de conhecimento geral, pois penso que o professor já deveria preparar a aula pensando no aluno surdo que ele possui. Ademais, boas ferramentas são: a utilização - de forma adequada - de mapas, fotos, imagens, vídeos (em libras ou com legenda) e dinâmicas. Por exemplo, se quer ensinar 1ª Guerra Mundial para estudantes (surdos e ouvinte) que não sabem onde fica a Europa, quicá a Áustria-Hungria do Duque Ferdinando. É necessário abusar das estratégias visuais para tornar o conhecimento menos abstrato e mais concreto! Para o Intérprete, explicar o conceito e combinar um sinal é uma possibilidade.
<b>Resposta 9:</b> visuais com exposição de imagens, personalidades, fontes históricas

**Resposta 10:** Quero professor regente também se preocupasse em trazer uma aula mais visual para a turma, além do próprio interesse do aluno em conhecer sua própria história.

Fonte: A Autora (2018)

4. Que dificuldades você encontrou na interpretação simultânea simulada de trechos retirados do livro didático de história?

Quadro 5 - Respostas dos intérpretes para a quarta pergunta

<b>Resposta 1:</b> A leitura rápida.
<b>Resposta 2:</b> Leitura rápida.
<b>Resposta 3:</b> Tentar passar de forma clara para o aluno é sempre uma complicação
<b>Resposta 4:</b> Falta de contato com algumas expressões próprias da disciplina e não conhecimentos de sinais dessa área;
<b>Resposta 5:</b> Desconhecimento de itens lexicais da Libras na área de história.
<b>Resposta 6:</b> A falta de sinais para corresponderem as palavras lidas na pergunta.
<b>Resposta 7:</b> A falta/desconhecimento do sinalário específico.
<b>Resposta 8:</b> O clima de súbito, acho que para efeitos de pesquisa seria interessante uma ambientação mais privada que assegurasse uma concentração melhor (apesar que em algumas salas de aulas conseguir concentração é raridade). Se o contexto fosse mais amplo poderia criar estratégias de marcação de referentes classificadores melhores. A última frase não estava muito clara!
<b>Resposta 9:</b> A de alguns sinais que não conhecia
<b>Resposta 10:</b> O desconhecido do que iria ser abordado, como aconteceu em sala de aula. Além de a ausência de sinal para alguns termos da própria história.

Fonte: A Autora (2018)

5. Que ferramentas você acha que ajudariam a melhorar sua interpretação simultânea em sala de aula?

Quadro 6 - Respostas dos intérpretes para a quinta pergunta

<b>Resposta 1:</b> O acesso antecipado dos conteúdos.
<b>Resposta 2:</b> Ter acesso antecipado dos conteúdos.
<b>Resposta 3:</b> Uso de imagens com certeza Explicação por parte do professor sobre termos específicos
<b>Resposta 4:</b> Conhecimento do assunto com antecedência da aula e conhecimento do plano de aula para que possa se preparar anteriormente.
<b>Resposta 5:</b> Glossário de Libras nesta área disponibilizado no YouTube.
<b>Resposta 6:</b> Vídeos com legendas, imagens coloridas passadas pelo professor num Datashow para fixar melhor em sua mente.
<b>Resposta 7:</b> Sinais específicos e recursos visuais.

<b>Resposta 8:</b> Assegurar uma sistemática formação continuada para intérpretes (educacionais), formação continuada para os demais professores (para aprenderem a como lidar com os surdos e suas produções), estudo dos sinais específicos (se tiverem produções), acesso ao planejamento do professor e o compromisso pessoal em usar o seu tempo de planejamento para estudar.
<b>Resposta 9:</b> O recurso de elementos visuais em Simultaneidade com a interpretação
<b>Resposta 10:</b> Tem o plano de aula antes, ter uma troca com o professor regente de como melhor abordar tal assunto.

Fonte: A Autora (2018)

6. Que método você utiliza em uma interpretação simultânea que possuem termos científicos sem correspondente linguístico na Língua Brasileira de Sinais?

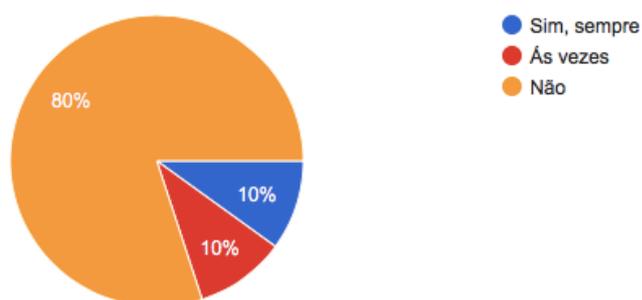
Quadro 7 - Respostas dos intérpretes sexta para a pergunta

<b>Resposta 1:</b> Datilologia. Como também exemplificação para explicar o significado do termo.
<b>Resposta 2:</b> O uso da datilologia. E exemplificação para o surdo entender o significado do termo científico.
<b>Resposta 3:</b> Escrevo ou peço para professor escrever no quadro e faço apontação
<b>Resposta 4:</b> Uso da datilologia e tentar explicar usando outros sinais através de exemplos para que o surdo possa compreender a mensagem passada.
<b>Resposta 5:</b> Em nível lexical, procuro utilizar sinais cujo significado é equivalente aos termos usados, ou ainda, conceituar o termo científico, caso o tempo permitir realizar este processo.
<b>Resposta 6:</b> Uso a Datilologia.
<b>Resposta 7:</b> Datilologia somada a apontamentos, caso haja recursos visuais disponíveis no livro ou trazidos pelo professor.
<b>Resposta 8:</b> Datilologia; pergunto se o surdo sabe o sinal; explico o conceito (se tiver tempo); combino sinal.
<b>Resposta 9:</b> A datilologia e ou explicação do termo
<b>Resposta 10:</b> Datilologia

Fonte: A Autora (2018)

7. Você tem acesso ao plano de aula com antecedência para estudo a fim de pesquisar termos e melhor compreendê-los, facilitando a interpretação em uma aula de história?

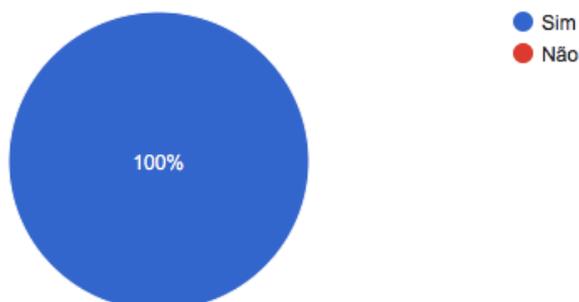
Gráfico 2 – Gráfico de respostas da sétima pergunta



Fonte: A Autora (2018)

8. Você acha necessária a padronização de sinais-termos para áreas científicas como a história?

Gráfico 3 – Gráfico de respostas da oitava pergunta



Fonte: A Autora (2018)

9. Explique o por quê da sua resposta anterior!

Quadro 8 – Explicação dos intérpretes referente à oitava pergunta

<b>Resposta 1:</b> Ampliar o vocabulário da língua, bem como facilitar a transmissão da mensagem.
<b>Resposta 2:</b> Ampliar o vocabulário da Libras. E melhor transmissão do conteúdo.
<b>Resposta 3:</b> Para da agilidade e clareza a interpretação
<b>Resposta 4:</b> Pois fica mais fácil para o aluno e o intérprete, quando não conhecem um determinado sinal, no momento de uma pesquisa prévia, encontrar o sinal e seu significado.
<b>Resposta 5:</b> A ausência padronização de sinais-termos nas áreas específicas traz problemas, prejuízos para usuários e profissionais que atuam com Libras tanto na docência como na tradução, pois provoca o uso excessivo da datilologia, interrupções na tradução/interpretação e inadequação de significados são alguns desses problemas.
<b>Resposta 6:</b> Iria servir para facilitar a vida tanto do surdo quanto a do intérprete com um fácil acesso ao sinalário da disciplina em relação a pesquisa dos conteúdos ministrados em sala.
<b>Resposta 7:</b> Sim, visto fazer parte do currículo nacional, seria importante para a compreensão.

**Resposta 8:** A padronização de sinais-termos para áreas científicas é importante, pois evitaria a prática de combinar sinais. A ausência da padronização implica em ruídos na comunicação e na compreensão de informações principalmente quando o surdo sai daquele meio (onde o sinal é combinado) e enfrenta situações com provas de seleção (onde o intérprete pode usar outro sinal), a exemplo do Enem. Na medida em que os sinais são criados aleatoriamente (pois o que é combinado transpõe para os muros além da escola), haverá uma língua de sinais por vezes regionalizada dentro de um mesmo município, o que enfraquece a Libras como língua e interfere no processo de ensino.

**Resposta 9:** Uma vez padronizadas é possível o acesso de sinais não só à profissionais, mais a alunos e interessados na área para ampliação do sinalário e da própria língua.

**Resposta 10:** Facilitaria tanto para o surdo quanto para o intérprete, para passar e receber a informação de forma mais clara.

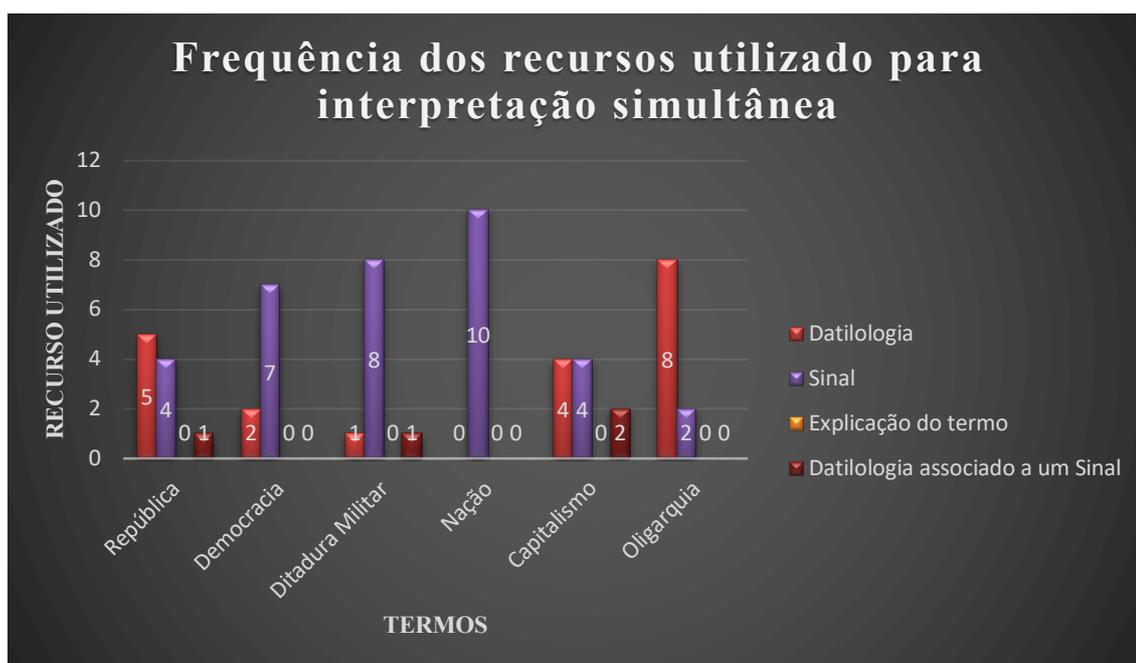
Fonte: A Autora (2018)

### 4.3. Análise de dados

Após a coleta de dados tem-se a última etapa desta pesquisa, a análise dos resultados obtidos a partir das escolhas lexicais de cada intérprete.

Como se pode observar o uso da datilologia acaba sendo muito recorrente na maioria dos casos, esta ocorre quando o termo não possui um sinal-termo que o expresse ou mesmo associada a um sinal. No gráfico abaixo (Gráfico 4), é possível visualizar a frequência do uso dos recursos que são citados pelos intérpretes no questionário e executados por eles na interpretação simultânea.

Gráfico 4 – Gráfico de frequência dos recursos utilizados para interpretação simultânea



Fonte: A Autora (2018)

A datilologia não deve ser eximida de sua utilização tendo em vista o parágrafo único da Lei 10.436/02 que diz que “a Língua Brasileira de Sinais - Libras<sup>11</sup> não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. Sendo a datilologia um empréstimo linguístico, ela faz uma conexão entre a LSB e a língua portuguesa, sendo importante para o Surdo o reconhecimento da escrita desses termos, na língua majoritária do seu país.

O uso da datilologia associado a um sinal é um recurso que pode gerar interesse no uso da segunda língua. Segundo Quadros (1998, p. 99) “é fundamental criar o interesse nos alunos pela segunda língua. A leitura e a escrita devem ultrapassar o âmbito da sala de aula e ser significativa para vida”. Então fazer a conexão entre o sinal-termo usado e a escrita do mesmo é um recurso valioso, tendo em vista a educação bilíngue que sugere o aprendizado da Língua portuguesa como uma segunda língua, tendo o foco bilíngue não só para a prova do ENEM, o na educação escolar, mas para a vida.

Segundo (PROMETI, 2016) a ampliação do vocabulário é algo de grande dificuldade para os Surdos, desafios encontrados nos programas de educação bilíngue, pois a uma grande necessidade que o surdo tenha um vocabulário para que ele possa desenvolver a escrita e a leitura. Esse desenvolvimento bilíngue do aluno Surdo facilitaria também o trabalho de interpretação dos TILS.

Outro ponto interessante a ser percebido é a variedade de sinais utilizados para determinado termo que, como já foi dito, deveria ser padronizado, tendo em vista que se trata de termos de uma área especializada. Essa situação ocorre no termo Ditadura Militar, Democracia e República, a variedade de sinais usada é significativa, sendo muitos desses sinais combinados entre os intérpretes e surdos, como a resposta do intérprete 8 à sexta pergunta, que acabam repassadas e modificadas, e combinadas em outra escola diferente. O que traz prejuízos quando se pensa em uma terminologia de uma área científica, sendo que o melhor recurso seria a padronização do termo, tendo em vista a prova em LSB que está sendo utilizada pelo MEC para todo o Brasil, mas que acabam usando sinais também de forma diferente.

Considera-se relevante ressaltar ainda que a explicação do termo, recurso citado pelos TILS na resposta ao questionário não foi percebido em suas interpretações. Acredita-se que sem um contato prévio com o texto, como acontece na maioria das vezes<sup>12</sup>, fica difícil o intérprete estudar os conceitos dos termos com antecedência e usar esse estudo como recurso em sua interpretação, a não ser que o mesmo tenha em memória de longo prazo esse conceito e faça uso desse recurso.

---

<sup>11</sup> Optou-se por conservar a nomenclatura contida na Lei 10.436/02.

<sup>12</sup> Segundo relatos dos próprios intérpretes, 80% não recebe o plano de aula com antecedência, 10% recebe às vezes e apenas 10% recebe sempre.

Lembrando ainda que quando questionados sobre a maior dificuldade encontrada para a interpretação dos trechos do livro didático, eles responderam que o desconhecimento dos termos, a ausência de sinais específicos para a área científica e a falta de conhecimento dos eventos históricos.

Tendo como foco a primeira pergunta, sobre sua formação, e comparando as dificuldades apresentadas na interpretação, os dados mostram uma realidade dos intérpretes educacionais hoje, a diversidade de suas formações acadêmicas, e em sala de aula tendo que interpretar assuntos de diversas disciplinas que não são sua formação e onde o somente o professor regente é formado naquela área específica.

Quando questionados sobre o que poderia ajudar a melhorar a interpretação, muitos responderam que ter o plano de aula do professor regente ajudaria a pesquisa e a organização de ideia para o momento da interpretação, além de apontarem que a ausência de recursos visuais usados pelos professores dificulta a compreensão do aluno Surdo, tendo em vista, que a percepção desse aluno que é visual.

Quando questionados sobre necessidade de padronização de sinais-terminos para áreas científicas como a história todos os informantes concordam que é de suma importância e quando questionados sobre o porquê dessa importância a resposta também foi unânime ao falarem que facilitaria tanto o trabalho do profissional intérprete, quanto o entendimento do Surdo a respeito do tema.

Destacamos aqui a resposta do intérprete 8: “A padronização de sinais-terminos para áreas científicas é importante, pois evitaria a prática de combinar sinais. A ausência da padronização implica em ruídos na comunicação e na compreensão de informações principalmente quando o surdo sai daquele meio (onde o sinal é combinado) e enfrenta situações com provas de seleção (onde o intérprete pode usar outro sinal), a exemplo do Enem. Na medida em que os sinais são criados aleatoriamente (pois o que é combinado para nos muros da escola), haverá uma língua de sinais, por vezes regionalizada dentro de um mesmo município, o que enfraquece a Libras como língua e interfere no processo de ensino”.

A Interpretação e a Terminologia possuem áreas em comuns a ambas as ciências, visto que o tradutor/intérprete se dedica, direta ou indiretamente, com assuntos terminológicos a todo instante se depara com pontos ligados ao conhecimento de uma linguagem de especialidade (VALE, 2018).

A necessidade do desenvolvimento de estudos da terminologia da história em LSB é perceptível após a análise dos dados, e é notória a preocupação dos TILS na busca da melhor forma de levar ao aluno Surdo à informação exposta em sala de aula que são de grande valia para sua formação acadêmica e social. As pesquisas terminológicas ainda são tímidas, mas já é

percebido a importância das mesmas para o meio educacional, onde objetiva-se formar cidadãos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso buscou diante das análises descritas, remeter alguns pontos de reflexão sobre a prática interpretativa de linguagem especializada, especificamente da área científica da história. Na tentativa de entender que metodologias são utilizadas pelos intérpretes educacionais do ensino médio da rede de ensino do Estado do Maranhão.

Sendo de grande valia saber dos próprios intérpretes quais são suas dificuldades e como eles acham que esses problemas que enfrentam talvez pudessem ser solucionados. Acredita-se que se oportunizou a esse profissional refletir sobre vários aspectos que podem nortear e somar com a prática interpretativa dentro do espaço escolar, focando a disciplina de história por meio dessa reflexão.

Este trabalho também objetivou mostrar a importância da utilização de sinais-termos para ajudar e facilitar o repasse de informação pelo intérprete para o aluno Surdo, além de mostrar a importância da relação entre os Estudos da interpretação da Língua de Sinais e a Terminologia para o desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais, assim como para o desenvolvimento cultural, de identidade, social e histórico do sujeito Surdo.

Buscou-se também abrir novas reflexões sobre o intérprete educacional e o grande leque que o envolve, na tentativa de abrir caminho para novas reflexões e pesquisas que ajudem e contribuam no exercício desse profissional, como mediador e coparticipante do processo de ensino-aprendizado aqui citado.

Espera-se que as discussões aqui apresentadas provoquem não só as novas pesquisas, mas a busca por novos estudos que contribuam para que a terminologia da língua de sinais cresça não só para os intérpretes educacionais, mas para os TILS no geral e para os Surdos pesquisadores, para que estejam intimamente ligados a esse processo de surgimento de novos sinais-termos da Língua de Sinais.

E que esses novos sinais-termos possam ganhar todo o país, tendo como objetivo a padronização, pois infelizmente algumas pesquisas não saem do papel para a prática, aqui porém o desejo é de dar continuidade à pesquisa das terminologias da Libras no campo semântico da história.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, [Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acessado em: 18 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_, [Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acessado em: 18 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_, [Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm)>. Acessado em: 18 de outubro de 2018.

ALBRES, N. A. **Intérprete educacional: políticas e práticas de sala de aula inclusiva**. São Paulo. Harmonia. 2015.

BELÉM, L. J. M. **A atuação do intérprete de Língua Brasileira de Sinais no ensino médio**. UNIMEP, Piracicaba, 2010.

BIDERMAN, M. T. C. **Terminologia e Lexicografia**. TradTerm, São Paulo, 2001.

BOULOS JÚNIOR, A. **História e cidadania, 3º ano – 2. Ed.** – São Paulo: FTD. 2016.

COSTA, M.R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil**: Enciclolibras. UnB, Brasília, 2014.

Douettes, B. B. **A tradução na criação de sinais-termos religiosos em Libras e uma proposta para organização de glossário terminológico semibilíngue**. Florianópolis, SC, 2015.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma proposta Lexicográfica** [Tese]. Brasília: UnB/ Instituto de Letras. 2009. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6547/.../2009\\_SandraPatriciadeFariadoNascimento](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6547/.../2009_SandraPatriciadeFariadoNascimento)>. Acessado em: 25 de outubro de 2017.

\_\_\_\_\_. A organização dos morfemas livres e presos LBS: reflexões preliminares. In: **Estudos da língua brasileira de sinais**. Ronice Muller Quadros, Marianne Rossi Stumpf e Tarcísio de Arantes Leite (orgs.). Série Estudos de Língua de Sinais. V.I. Florianópolis: Insular. 2013.

FELIPE, T. A. **Os processos de formação de palavra na libras**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.200-217, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>>. Acessado em : 22 de outubro de 2017.

FELTEN, E. F. **Glossário Sistêmico Bilíngue Português-Libras de termos da História do Brasil**. UnB, Brasília, 2016.

FINATTO, M. J. B. KRIEGER, M. G. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies, 1972/ 1994. In: VENUTI, L. **The Translation studies reader**. Routledge, 2000.

LACERDA, C. B. F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos.** 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> acesso em: 1/11/ 2017.

\_\_\_\_\_. **Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos.** Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [36]: 133 - 153, maio/agosto 2010.

NASCIMENTO, A. C. C. S. **A presença da terminologia na literatura traduzida (francês-português).** USP. São Paulo-SP. 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-13092012-125709/pt-br.php>> acessado em: 02/08/2018.

NASCIMENTO, C. B. do. **Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: Proposta de Glossário Ilustrado Semibilíngue do MeioAmbiente, em mídia digital.** UnB, Brasília, 2016.

PAGANO, A; VASCONCELLOS, M. L. **Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990.** DELTA, vol.19, p.1-25, 2003. Disponível em: <[www.scielo.br/delta](http://www.scielo.br/delta)> acessado em: 19 de fevereiro de 2018.

PEREIRA, C. C. A. F. **Ensino de história para alunos surdos: práticas educacionais em escola pública de educação de surdos de São Paulo.** História & Ensino, Londrina, v. 23, n. 1, p. 159-172, 2017.

PROMETI, D. R. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira: criação de sinais dos termos da música.** UnB, Brasília, 2013.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Secretaria de Educação Especial - Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: ArtMed, 2004.

PAVEL, S; NOLET, D. **Manual de Terminologia do Canadá.** 2002.

RODRIGUES, C. H. **A Interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: Efeitos de Modalidade e Processos inferenciais.** Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte 2013.

SANTOS, L.F. **O fazer do interprete educacional: práticas estratégias e criações.** UFSCAR, São Carlos, 2014.

Silva, K. V. **Dicionário de conceitos históricos.** 2.ed., 2a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

TUXI, P. S. **A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e registros de termos técnicos e administrativos no meio acadêmico em glossário bilíngue.** UnB, Brasília, 2017.

VALE, L. M. **A importância da terminologia para o tradutor/intérprete de língua brasileira de Sinais.** Porto Alegre, 2018. ISSN 2236-4013.

VASCONCELLOS, M.L; BARTHOLAMEI Jr., L. A. **Estudos da Tradução I**. Material didático do curso a distância Letras/Libras. Florianópolis, SC: UFSC, 2008.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CURSO DE LETRAS LIBRAS BACHARELADO  
PÓLO SÃO LUÍS – MA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_  
portador do RG, nº \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_ aceito participar  
deste trabalho intitulado “O INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA E AS  
TERMINOLOGIAS NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO MÉDIO” desenvolvido pela  
acadêmica Andréa Pestana Almeida e permito que obtenha (gravações ou filmagens,  
questionários) de minha pessoa para fins exclusivos deste trabalho acadêmico. Autorizo que as  
informações obtidas possam ser apresentadas em aula para fins acadêmicos.

As (gravações ou filmagens, questionários) ficarão sob a propriedade do acadêmico  
pertinente ao estudo e, sob a guarda do mesmo até o termino do trabalho, não podendo ter outra  
forma de divulgação ou finalidade.

São Luís – MA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do acadêmico responsável

**APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS TRADUTORES INTÉRPRETES QUE  
ATUAM NO ENSINO MÉDIO NAS AULAS DE HISTÓRIA**

1. Qual a sua formação?
  - a) Pedagogia;
  - b) Letras;
  - c) Outra Licenciatura;
  - d) Bacharelado.
  
2. Para você quais são as dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos para a compreensão das aulas de história?  

---

---

---
  
3. Que ferramentas você poderia citar que ajudariam a uma melhor compreensão dos alunos nas aulas de história?  

---

---

---
  
4. Que dificuldades você encontrou na interpretação simultânea simulada de trechos retirados do livro didático de história?  

---

---

---
  
5. Que ferramentas você acha que ajudariam a melhorar sua interpretação simultânea em sala de aula?  

---

---

---
  
6. Que método você utiliza em uma interpretação simultânea que possuem termos científicos sem correspondente linguístico na Língua Brasileira de Sinais?  

---

---

---
  
7. Você tem acesso ao plano de aula com antecedência para estudo afim de pesquisar termos e melhor compreende-los, facilitando a interpretação em uma aula de história?

a) Sim

b) Não

8. Você acha necessária a padronização de sinais-terminos para áreas científicas como a história?

a) Sim

b) Não

9. Explique o por quê da sua resposta anterior!

---

---

---